PRODUTOR

Ano I • Número 3 • Maio 2011

Na rota do crescimento

PRODUÇÃO LEITEIRA AVANÇOU 52,8% NA ÚLTIMA DÉCADA E RESPONDE PELO MAIOR NÚMERO DE EMPREGOS DO SETOR PRIVADO, MAS PRECISA DE MAIS PROFISSIONALIZAÇÃO E INVESTIMENTOS

Receita
Marcelo Airoldi: apaixonado pelo teatro, pela televisão e também por culinária

Meio ambiente
Autogeração de energia pode ser fonte de renda em muitas propriedades rurais

Qualidade
LBR lança programa em que o melhor leite recebe maior remuneração

ANBIMA

1. Confira a metodologia das premiações no site sicredi.com.br.
Fundos de Investimento não contam com garantia do administrador do fundo, do gestor da carteira, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do fundo garantidor de crédito - FGC. A rentabilidade obtida no passado não representa garantia de rentabilidade futura. É recomendada a leitura cuidadosa do prospecto e regulamento do Fundo de Investimento pelo investidor ao aplicar os seus recursos. Consulte a disponibilidade dos produtos na sua cooperativa. SAC Sicredi - 0800 724 7220 / Deficientes Auditivos ou de Fala - 0800 724 0525. Ouvidoria Sicredi - 0800 646 2519.

EDITORIAL

A relevância do nosso trabalho

Caco Argemi

A cadeia leiteira é a maior empregadora do setor privado nacional. O fato, somado à expectativa de encerrarmos o ano com expansão de 5% no volume de leite produzido em relação a 2010, mostra a importância do trabalho de produtores rurais, indústrias de laticínios e outros elos do sistema para a economia do país.

Essa relevância é tema da Entrevista, feita com o professor e especialista Vidal Pedroso de Faria, e da matéria de capa desta edição – que aborda ainda dois outros assuntos relacionados: a necessidade de controlar os gastos com funcionários nas propriedades e de adotar procedimentos e equipamentos adequados para a boa ordenha. Isso porque, além do crescimento em volume, temos de evoluir também na rentabilidade do negócio e na qualidade do produto.

Cientes disso, a partir do próximo dia 1º de julho será introduzido, oficialmente, em todo o Brasil, o Sistema de Valorização da Qualidade (SVQ) da LBR. A remuneração passará a ser atrelada a uma série de fatores, especialmente os critérios relacionados à qualidade.

A revista *Produtor LBR* faz parte do conjunto de ações que desenvolvemos no sentido de levar informações úteis e indispensáveis para nossos fornecedores. Os que atuam na Região Nordeste, por exemplo, podem conferir, na matéria sobre Nutrição como a palma forrageira é solução viável para a alimentação do rebanho. Já a editoria Meio Ambiente revela as várias fontes alternativas de energia que podem ser adotadas nas fazendas para proporcionar mais economia e ajudar a preservar a natureza.

Dois exemplos de eficiência na condução dos negócios também são demonstrados nas seções Destaque, cujo foco é a Fazenda São João, em Inhaúma (MG), e Modelo, que mostra as boas práticas do produtor da LBR João Paulo Pereira, da fazenda Alto da Coxilha, em Estrela Velha (RS).

E, ainda nesta edição, a história da marca Boa Nata; na editoria Novidades, o comportamento dos nossos parceiros de negócios frente ao mercado; e na Agenda, alguns dos principais eventos de interesse dos que atuam na cadeia leiteira. Já na seção Receita, a dica do mês é o *Macarrão a la Airoldi*, enviada pelo ator Marcello Airoldi, da TV Globo, que fez sucesso na novela *Viver a Vida* e, também, atuou na minissérie *Divã*.

Esperamos que todo esse conteúdo contribua para que os leitores continuem a fazer a diferença na cadeia de lácteos e, consequentemente, nos avanços econômicos do país.

Wilson Zanatta
Co-presidente do Conselho
de Administração da LBR

EXPEDIENTE

Produtor LBR - Ano I - Nº 3

CONSELHO EDITORIAL

COPRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Wilson Zanatta

DIRETOR-PRESIDENTE
Fernando Falco

DIRETOR DE CAPTAÇÃO E SUPRIMENTOS
Roberto Hentzy

DIRETORES ADJUNTOS DE POLÍTICA LEITEIRA
João Carlos Barbieri
Mauri Caliari

GERENTE NACIONAL DE POLÍTICA LEITEIRA
Antonio Carlos Souza Lima Jr.

COORDENAÇÃO GERAL E SUPERVISÃO
Porto Press Comunicação
Tel.: (51) 3233-3849

PRODUÇÃO EDITORIAL
Editora Contadino
Tel.: (11) 3171-1884

EDIÇÃO
Erika Mazon (MTb: 21.138)

REDAÇÃO
Erika Mazon, Gustavo Dhein, Márcia Vilas Boas, Marina Bueno e Svendla Chaves

EDITORAÇÃO
Multi Propaganda

IMPRESSÃO
Gráfica Pallotti

TIRAGEM
40 mil exemplares

A revista *Produtor LBR* é uma publicação mensal da LBR – Lácteos Brasil S.A., com distribuição gratuita aos produtores rurais fornecedores da empresa e a outros públicos.

Os direitos autorais estão reservados à LBR – Lácteos Brasil S.A. A reprodução total ou parcial de artigos e reportagens é permitida desde que citada a fonte.

www.lacteosbrasil.com.br

ÍNDICE

ENTREVISTA • Professor Vidal Pedroso de Faria 8

NUTRIÇÃO • Palma para o Nordeste 12

MARCA • A história da Boa Nata 15

DESTAQUE • Huguette e Flavio Guarani 16

20 **EMPRESA** • Incentivo à qualidade

24 **MODELO** • João Paulo Pereira

26 **CAPA** • O leite na economia do país

32 **MEIO AMBIENTE** • Opções para gerar energia

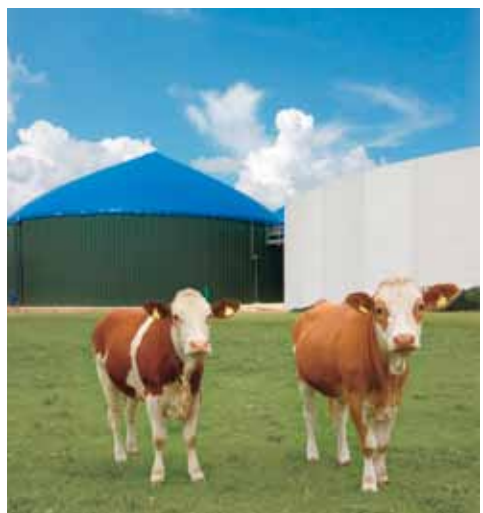
NOVIDADES • Parceiros em destaque 34

CONTROLE • O custo da mão de obra 38

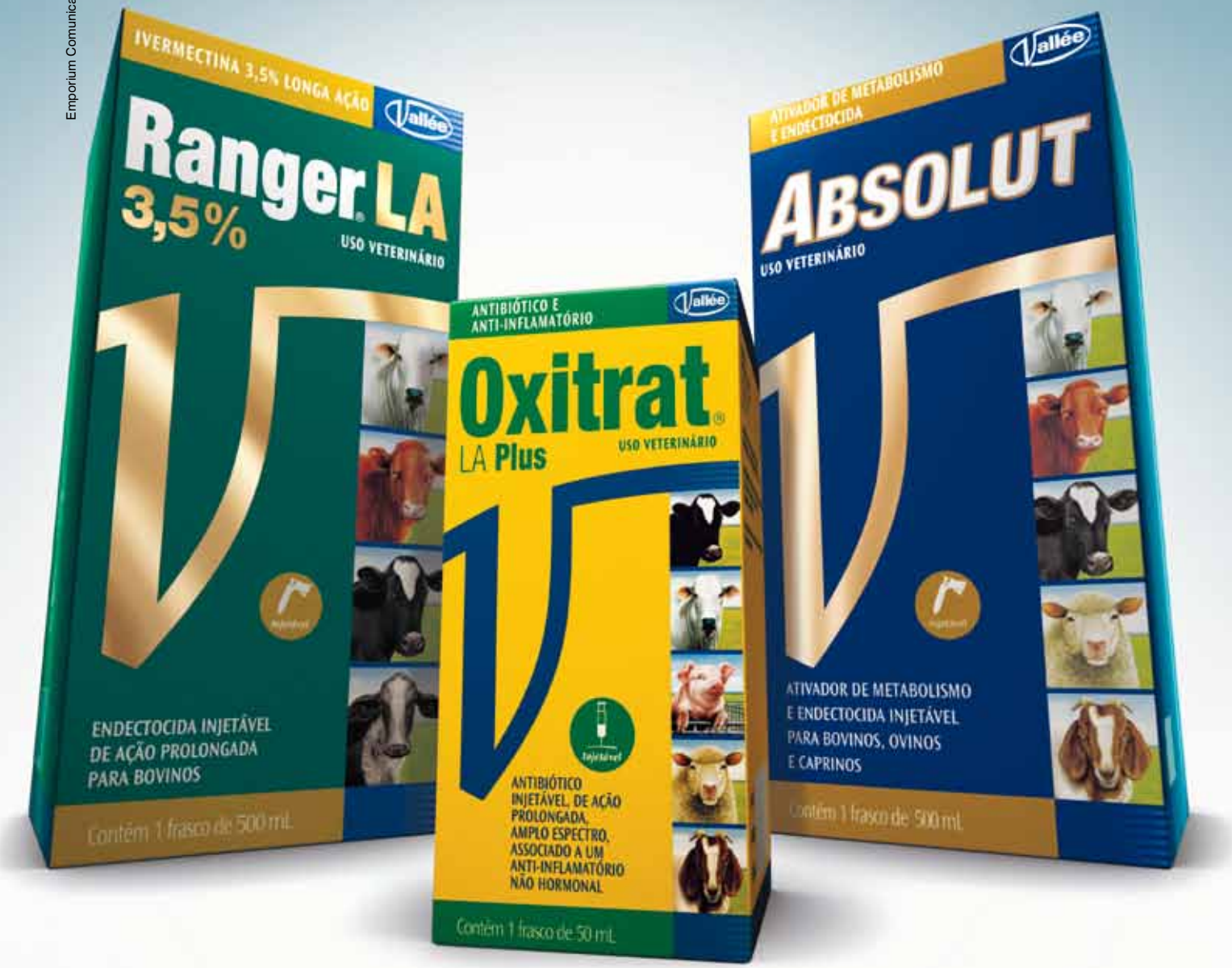
RECEITA • A dica do ator Marcello Airoldi 39

AGENDA • Eventos agitam o setor 40

COTAÇÕES • Oscilação dos preços 42



Emporium Comunicação



Para comemorar os 50 anos da Vallée, a linha de produtos veterinários, de quem mais entende de Brasil, está de cara nova.

Novas embalagens Vallée. Produtos modernos do jeito que você precisa, por dentro e por fora.

50 Vallée ANOS
CRESCENDO COM O BRASIL

Consulte sempre o médico veterinário.

www.vallee.com.br

Incentivo à troca de experiências

Esta seção destina-se à publicação do conteúdo de alguns dos e-mails e cartas recebidos pela *Produtor LBR* contendo dúvidas, sugestões e comentários dos leitores. A intenção é amparar a equipe responsável pela revista, para que aborde temas capazes de fazer a diferença na gestão dos negócios. Contribua você também, enviando sua manifestação pelo e-mail produtor@lbr-lacteosbrasil.com.br ou, por carta, à redação: Avenida Paulista, 2006, 12º andar – conjunto 1203 – Cerqueira César – São Paulo (SP).

Crescimento

"Sou médico-veterinário com mestrado em Reprodução Animal e atualmente trabalho na prefeitura de Dona Francisca, onde estamos atuando para incrementar a produção leiteira com difusão genética e melhoria da nutrição. Gostaria de parabenizar a empresa pela revista. A iniciativa é muito válida porque, sempre que chegar ao produtor, esse meio de comunicação estará, de alguma forma, ampliando seus conhecimentos e, acima de tudo, estimulando-o a crescer e a investir cada vez mais. Envio meu endereço para, se possível, receber a revista."
Gilson Antonio Pessoa – Dona Francisca (RS)

Nota da redação:

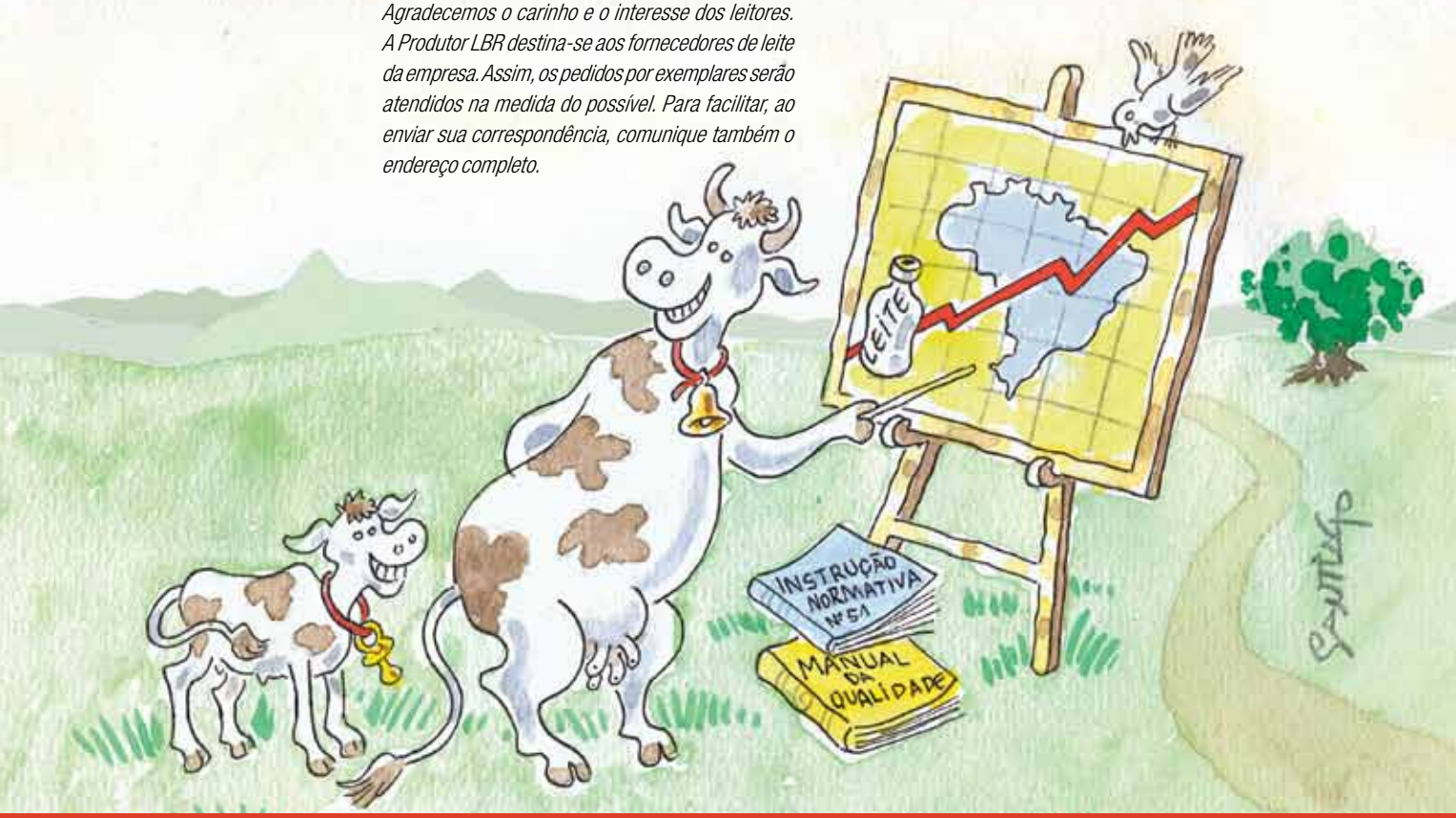
Agradecemos o carinho e o interesse dos leitores. A Produtor LBR destina-se aos fornecedores de leite da empresa. Assim, os pedidos por exemplares serão atendidos na medida do possível. Para facilitar, ao enviar sua correspondência, comunique também o endereço completo.

Apoio

"Ganhei uma revista aqui na cidade de Pérola (PR) e gostei muito. Meu marido está iniciando na atividade de gado leiteiro e gostaria de receber essa publicação. Como conseguir?"
Cristina Santana – Pérola (PR)

Revista show

Estive lendo a revista Produtor - número 1 e tive a satisfação de verificar a qualidade das informações contidas nesta edição. Sendo assim, parabenizo todos os envolvidos e gostaria de receber as novas edições.
Wanderson Maia, secretário de Agricultura, Pecuária e Abastecimento – Córrego Danta (MG)



Bitrem Jardinox

Construído com alto padrão de qualidade, um produto 100%
Produzido pela JARDINOX

A Jardinox está a mais de 20 anos no ramo de Tanques Isotérmicos sempre trabalhando com a melhor qualidade e confiabilidade do mercado.

Julieta Jardinox

Tanque a Vácuo Jardinox

Tanques Rodoviarios de qualquer Capacidade

O que você precisar em inox
É com a Jardinox!

JARDINOX®
Mais vida para seu produto

Três de Maio - RS
Jardinox Matriz Fone: (55) 3535-2300
Itunbiara - GO
Jardinox Filial Fone: (64) 3431-4499

www.jardinox.com.br

Novidade

Lançamento da linha JARDINOX de equipamentos para o transporte de produtos Químicos, derivados de petróleo e biocombustíveis. Passe em uma das nossas unidades e confira a qualidade de toda nossa linha de produtos.

Uma vida dedicada ao leite

Vidal Pedroso de Faria, diretor da Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz, ressalta a importância da profissionalização para o setor lácteo

Quem vive da pecuária leiteira provavelmente já ouviu – ou ouvirá – o nome Vidal Pedroso de Faria. Engenheiro agrônomo e doutor pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq/USP), com mestrado pela Ohio State University, nos Estados Unidos, ele foi professor de Bovinocultura de Leite, Nutrição de Ruminantes e Bovinocultura de Corte na Esalq, onde se aposentou em 1995, e se tornou referência quando o tema é eficiência em pecuária leiteira .

Durante o período de docência, publicou 253 artigos técnicos e científicos, e orientou 22 dissertações de mestrado e duas teses de doutorado. Foi ainda consultor da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) e da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), membro do Comitê Assessor Externo da Embrapa Gado de Leite e consultor técnico da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

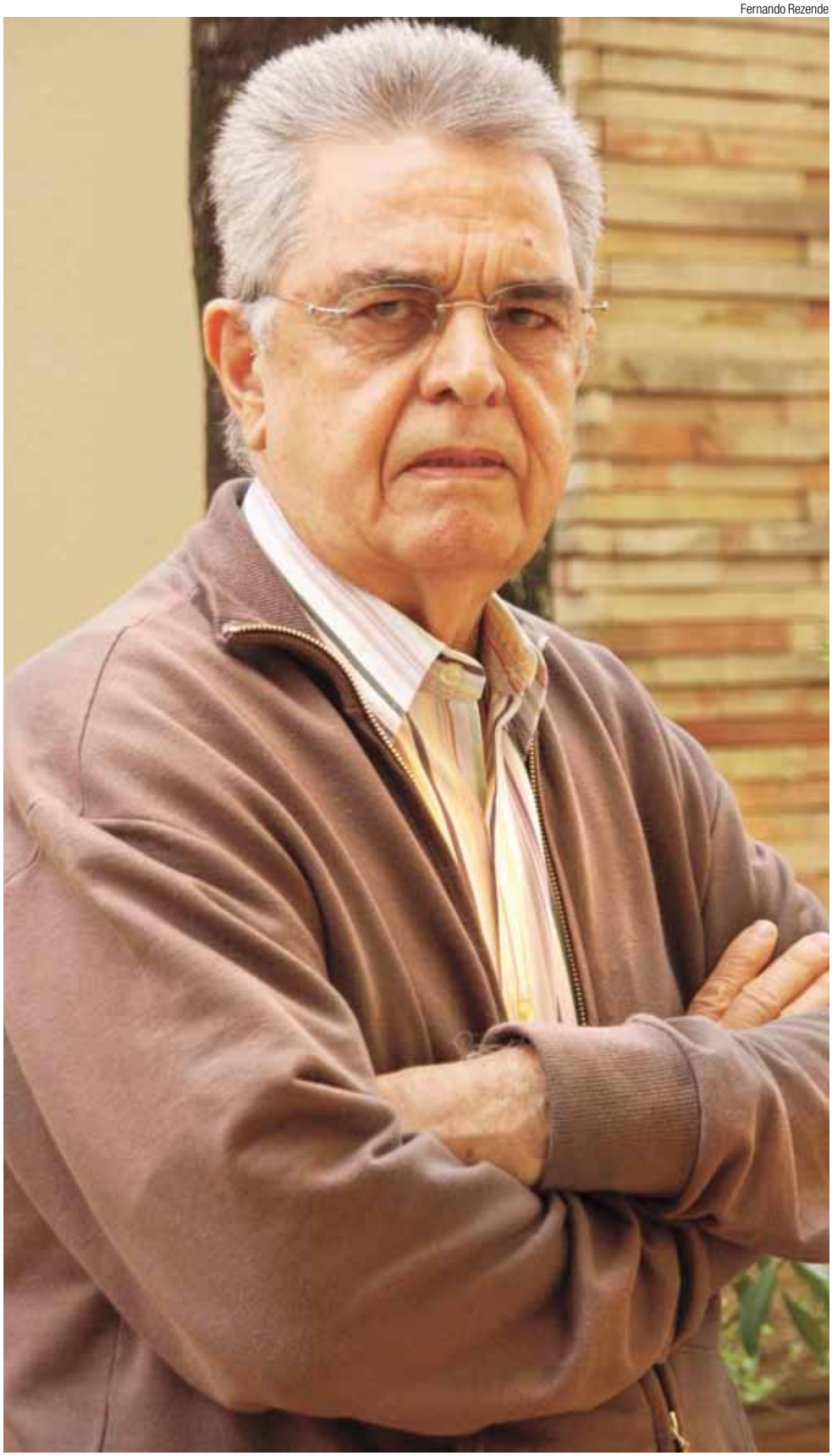
Seu relevante trabalho nessas entidades o levou à conquista de prêmios e títulos como o Zootecnista do Ano, em 1995, concedido pela Sociedade Brasileira de Zootecnia; o International Alumini Award, em 1997, pela Ohio State University; e a Medalha do Mérito Científico e Tecnológico do Governo de São Paulo.

No ano passado, com mais de 2 mil votos apurados pelo site MilkPoint, ele recebeu também o Prêmio Impacto 2010. Atualmente diretor da Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz (Fealq), Vidal fala, na entrevista a seguir, sobre sua experiência e a evolução do setor nas últimas décadas.

Ao longo de seus anos de experiência no setor leiteiro, o que destaca como avanços?
VIDAL – Os principais avanços nos últimos 45 anos estão relacionados ao aparecimento de técnicos capacitados para orientar o setor leiteiro. Formação de técnicos no exterior, desenvolvimento de cursos de pós-graduação e programas não acadêmicos de treinamento são fatores que possibilitaram criar uma massa crítica para desenvolver projetos de pecuária intensificada. Como consequência, foram introduzidos sistemas de pastagens e confinamento, com adoção de vacas com persistência de produção e, sobretudo, resultados econômicos favoráveis. Em decorrência da melhoria do conhecimento, também foram criados programas bem-estruturados de qualidade do leite e, com isso, introduzidas exigências legais, eliminando o absurdo da coleta de leite quente e contaminado. Essa prática estimulava a manutenção de sistemas extrativistas de produção e dificultava a evolução da atividade no Brasil.

Quais são ainda os maiores problemas? De que depende a superação deles?
VIDAL – É inquestionável que algumas propriedades possuem hoje sistemas de produção evoluídos. Os índices de produtividade, porém, continuam mostrando a predominância de conceitos de produção extensiva, sem adoção de tecnologia, com a maioria de animais mestiços, sem qualificação para a produção de leite. Pode-se dizer que o Brasil é um grande produtor de leite graças ao imenso rebanho. Mas não que é um bom produtor de leite. Além da pequena capacidade produtiva,

Fernando Rezende



> A análise do desempenho de fazendas profissionalizadas mostra que é possível ganhar dinheiro com leite, estimulando o produtor a entender que renda é fundamental para pagamento de custos, remuneração do trabalho e do capital, e obtenção de lucro.

ainda temos um leite mediano, de baixa qualidade, principalmente microbiológica. Para se ter uma ideia, se o Brasil tivesse o rebanho da Alemanha, o quarto maior produtor de leite do mundo, mantendo a produtividade atual, a produção nacional seria próxima da registrada apenas em Minas Gerais.

O que é preciso fazer para melhorar?
VIDAL – É preciso mudar o conceito, focar em tecnologia. Isso significa aplicação de conhecimentos científicos e também princípios de gerenciamento do processo produtivo com atenção à estrutura de rebanho, à racionalização de custos e à adoção de investimentos produtivos. A prevalência de vacas desqualificadas, monta natural, nutrição inadequada e rebanhos com pequena proporção de vacas em lactação são características de subdesenvolvimento que devem desaparecer para que o setor possa ser mais bem-avaliado.

> “Só com pessoal qualificado haverá a possibilidade de desenvolvimento tecnológico do setor leiteiro nacional.”

No próximo mês passam a vigorar novos parâmetros de qualidade estipulados pela Instrução Normativa 51. Que impactos podemos esperar?
VIDAL – A IN 51 foi um marco importante para o setor e, se aplicada corretamente, tirará da atividade um número considerável de produtores, o que poderá trazer problemas sociais, pois o leite é importante para a sobrevivência de pequenos pecuaristas que utilizam sistemas extrativistas. Quando pressionados pela nova imposição, muitos produtores irão para a informalidade, porque ainda há mercado para leite informal. Será muito difícil acabar com a informalidade porque o consumo de leite cru faz parte da cultura; o queijo informal é muito apreciado e as indústrias caseiras de doces e pães proliferam por todo o país.

Fala-se na necessidade de o produtor atuar como empresário. O senhor acredita que isso esteja disseminado?
VIDAL – É difícil profissionalizar o fazendeiro que é extrator de leite, ou seja, que não planeja a produção, não adota tecnologia e tem a certeza de que produzir leite é consequência da posse de vacas desqualificadas que serão ordenhadas após a parição. Analisando dados do setor leiteiro em diferentes estados, se verifica claramente que a maioria dos produtores têm características típicas de extratores, mesmo alguns que produzem grandes volumes por dia. A estrutura dos chamados rebanhos leiteiros mostra uma realidade absurda, pois somente de 20% a 30% dos animais mantidos na propriedade produzem leite durante o ano. Além disso, a produção por vaca no rebanho é pequena, como consequência de baixa persistência de produção e da reprodução irregular. Produtores assistidos por programas bem-estabelecidos de orientação técnica adotaram com sucesso planilhas para acompanhamento do desempenho econômico e zootécnico, criando, assim, condições para a profissionalização do setor. A análise do desempenho de fazendas profissionalizadas mostra que é possível ganhar dinheiro com leite, estimulando o produtor a entender que renda é fundamental para pagamento de custos, remuneração do trabalho e do capital e obtenção de lucro. Mostra também que investimentos em recursos produtivos promovem mudanças estruturais significativas nas propriedades leiteiras.

Quanto à educação do produtor, ainda precisamos de aprimoramento em relação à transferência de tecnologias e conhecimentos?
VIDAL – Sim, o processo de assistência técnica efetiva depende de profissionais capazes de saber o que é sistema de produção e investimento produtivo, e de ter conceitos corretos de tecnologia. Infelizmente, as universidades, como em todo mundo, ensinam técnicas, mas não o conceito integrado de produção, que depende tanto delas como do gerenciamento do processo produtivo e economia de produção. Só com pessoal qualificado haverá possibilidade de desenvolvimento tecnológico do setor leiteiro nacional.

Que mensagem o senhor deixa aos produtores?
VIDAL – Devem acreditar que com tecnologia será possível manter a atividade leiteira como um ótimo negócio. Devem desconfiar de propostas baseadas em falsa tecnologia, não procurar solucionar problemas com medidas milagrosas e evitar improvisação e amadorismo. A produção de leite é muito competitiva em termos de lucro por hectare.

QUANDO O PRODUTOR INVESTE EM QUALIDADE, A LUCRATIVIDADE APARECE.

OS SUPLEMENTOS COM MINERAIS ORGÂNICOS **TORTUGA** AUMENTAM O TEOR DE PROTEÍNAS E A QUALIDADE DO LEITE. EM OUTRAS PALAVRAS, ISSO SIGNIFICA MAIS LUCRATIVIDADE PARA SUA PRODUÇÃO. **TORTUGA.** O MÁXIMO EM **NUTRIÇÃO** E **SAÚDE ANIMAL.**

TORTUGA

A ciência e a técnica
a serviço da produção animal

0800 011 6262 **www.tortuga.com.br**

Palmas para as vacas

Produtores da Região Nordeste têm na palma forrageira uma boa aliada para a alimentação de seus rebanhos

A palma forrageira é uma das alternativas das quais os produtores do Nordeste podem lançar mão para enfrentar os períodos de seca e irregularidade de chuvas, e alimentar satisfatoriamente o rebanho. Usá-la na dieta dos animais é fundamental para que a região continue avançando a passos largos em produtividade: entre 2008 e 2009, o crescimento foi de 10,8%, o maior registrado no Brasil.

"No semiárido nordestino, as condições ecológicas limitam a produção de forragem, tornando inviáveis os sistemas tradicionais. Assim, resta aos produtores buscar alimentos alternativos, entre os quais se destaca a palma, perfeitamente adaptada à região e que, se bem-trabalhada, proporciona altas produções por unidade de área", explica o professor do Departamento de Zootecnia da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Marcelo de Andrade Ferreira. Estima-se que existam atualmente na Região Nordeste cerca de 500 mil hectares plantados com palma forrageira.

O apelo ao uso da cultura como fonte de alimento não se restringe à adaptação climática. Conta também o fato de ela apresentar alto teor de energia, o que diminui a necessidade de concentrados, principalmente os energéticos. "O alto teor de água (em torno de 90%) é extremamente importante em uma região onde esse recurso é escasso, tanto em qualidade como quantidade", diz o também professor da UFRPE, José Carlos Batista Dubeux Jr.

Mas, segundo ele, como qualquer outro alimento, a palma forrageira não é completa e precisa ser associada a outros ingredientes para que suas deficiências sejam supridas, principalmente as de proteína e fibra. Dubeux explica que o consumo de fibras é essencial para ampliar a produção e saúde de animais ruminantes. Quando há excesso delas na ração, a densidade energética se torna baixa, o consumo é reduzido e a produtividade animal tende a diminuir. Por outro lado, se os níveis mínimos de fibra não são atendidos ou são inadequados em relação ao tamanho das partículas da forragem, vários distúrbios metabólicos podem se manifestar.

"Rações com altas proporções de palma forrageira têm provocado diminuição na ruminação e na digestibilidade dos nutrientes, além de diarréias", complementa o professor, reforçando a necessidade do balanceamento correto.

Estima-se que na Região Nordeste existam atualmente cerca de

500 mil

hectares plantados com palma forrageira

A adubação é fundamental para assegurar a produtividade da palma, que pode atingir 40 toneladas/ha

Produtividade

Dependendo do nível tecnológico da propriedade, pode-se obter de cinco a 20 toneladas de matéria seca de palma forrageira por ano. Segundo Ferreira, no agreste pernambucano é possível chegar a dez toneladas, com 40 mil plantas por hectare, adubação orgânica de 20 a 30 toneladas de estrume bovino e controle de plantas daninhas. "Alguns plantios irrigados no Rio Grande do Norte têm alcançado produtividades maiores do que essas", diz ele.

Ferreira destaca que a adubação é fundamental. "A palma extrai muito potássio do solo. Em relação ao nitrogênio, com 40 mil plantas por hectare, obtivemos respostas lineares com até 300 quilos de N por hectare/ano, desde que outras deficiências sejam corrigidas", detalha. A palma também responde muito bem à adubação fosfatada, especialmente se cultivada em populações adensadas (40 mil plantas/ha) e com teores de fósforo no solo (abaixo de 10 mg/dm^3). A cultura tolera solos ácidos, mas, por responder bem à adubação, recomenda-se elevar o pH do solo para maior eficiência do fertilizante.

Além disso, desde que bem-manejada, a plantação não exige renovações periódicas. "Palmais de até 20 anos, em boas condições de manejo, mantiveram sua produtividade", cita Dubeux. Os dois professores dizem que com uma produtividade anual de dez toneladas de matéria seca e despesa anual de R$ 1.500,00 (herbicidas, adubação, mão de obra), o custo fica em R$ 0,15 por quilo de matéria seca. Mas, somado ao custo da colheita, do processamento e fornecimento aos animais, o valor dobra, ou seja, fica em R$ 0,30 por quilo de matéria seca.

Fornecimento

A forma mais comum de fornecer palma aos bovinos é picada e no cocho. "O volumoso e concentrado, quando utilizados, são fornecidos separadamente, e, por isso, nem sempre é possível estimar a quantidade ingerida. Assim, é difícil calcular o consumo médio individual e a caracterização da dieta consumida pelo animal", diz Dubeux.

Ele ressalta que, quando fornecidos separadamente e em grandes quantidades, alimentos ricos em carboidratos não fibrosos, como a palma forrageira, podem causar distúrbios ruminais. Dessa forma, sempre que possível, ela deve ser colocada à disposição das vacas na mistura total, ou seja, com todos os ingredientes da ração ao mesmo tempo.

Segundo Ferreira, a quantidade de palma a ser administrada depende de fatores como a forma de fornecimento e os alimentos que estão disponíveis para associação com a planta. "Animais com maior exigência geralmente recebem rações com mais teores de concentrado. Nesse caso, a quantidade de palma será menor. Já para animais de menor exigência, em que a participação de concentrado na ração é pequena, a quantidade a ser ofertada poderá ser bem maior", conclui.

Teor de nutrientes

digestíveis totais (NDT)

Volumoso	NDT (% na MS)
Palma forrageira	64,33
Feno de capim tifton	59,94
Silagem de sorgo forrageiro	52,07
Silagem de milho	59,56
Capim-elefante	49,59
Cana (1% de ureia)	60,57
Feno de coastcross	50,24

Adaptado de Ferreira (2005)

Tradição mineira nas mesas do Brasil

Com diversificada linha de queijos, a Boa Nata segue há mais de quatro décadas entre as preferidas pelos consumidores

São produzidos e comercializados com a marca:

- **Queijos tipo fino** (parmesão, gorgonzola e gouda), prato (prato lanche, lanchinho, cobocó e estepe);
- **Fatiado** (mussarela, mussarela bolotinha e provolone);
- **Frescal** (minas tradicional, pote e regime);
- **Meia cura** (minas padrão e minas padrão fatiado);
- **Light** (frescal light, ricota e mussarela light), além de manteigas e sobremesas – como o tradicional doce de leite.

A história de sucesso da marca Boa Nata começou a ser escrita em 1965 por um grupo de comerciantes visionários: Ítalo Benito Bartoli, Ermenegildo Biele, Pedro Gomes Mendes, José Carlos Mendes, Luiz Roberto Mendes e Ivan Guimarães Teixeira – todos do então Estado da Guanabara.

A primeira fábrica, com 15 funcionários, foi fundada na cidade de Itamonte, no sul de Minas Gerais, onde eram produzidos queijo minas frescal, ricota e manteiga para atender à demanda fluminense por produtos de alta qualidade. Devido à altitude e à pastagem abundante, a região escolhida para abrigar o processo produtivo favorecia a qualidade do leite destinado à fabricação de queijos finos com oleaduras naturais.

A produção inicial, de cerca de 2,5 mil litros de leite/dia em queijos, era artesanal e acompanhada de perto pelo queijeiro oficial e gerente da fábrica, Darci Rodrigues Santos. Ele cuidava para que o produto atingisse a consistência frescal, tão apreciada no país por comerciantes e consumidores.

Em 1972, com vistas à expansão dos negócios, foi adquirida uma unidade fabril maior e mais moderna, na cidade de Pouso Alto (MG), com capacidade de produção de 38 mil litros de leite/dia em queijos. Apenas dois anos mais tarde, ainda no ritmo da expansão, foi incorporada mais uma fábrica, dessa vez no distrito de Curral Novo, no município de Antônio Carlos (MG), cuja produção diária era de 76 mil litros de leite em queijos.

Além do Rio de Janeiro – principal mercado para seus produtos –, a Boa Nata conquistou a Região Nordeste, que se tornou o segundo destino mais importante em termos de distribuição, onde o queijo do Reino era o principal item comercializado nos pontos de vendas.

O sucesso da marca e a crescente demanda por produtos que levavam sua assinatura chamaram a atenção da concorrente Líder Alimentos. Assim, em 2008, a Boa Nata passou a integrar o portfólio de empresas do grupo paranaense, que assumiu o controle das três fábricas em Minas Gerais e do Centro de Distribuição mantido no Rio de Janeiro.

Apesar das mudanças de gestão que se seguiram, a fusão com a Laticínios Bom Gosto, em 2008, e a criação da LBR – Lácteos Brasil, no final do ano passado, a Boa Nata continua como uma das marcas preferidas no Brasil. Seus produtos são feitos em duas unidades fabris com capacidade de produção de mais de 200 mil litros de leite/dia em queijos, em que trabalham 442 funcionários.

Funcionários na sala de ordenha da Fazenda São João – True Type, em Minas Gerais: produção anual de 12,5 milhões de litros

Conhecimento é a palavra de ordem

Huguette e Flavio Guarani, proprietários da Fazenda São João, investem em atualização e treinamento para assegurar a rentabilidade da atividade leiteira

O funcionário Adalberto e Flavio Noronha Guarani, durante a inauguração da fazenda, em 2002

Em uma área de 1.170 hectares, localizada em Inhaúma (MG), a Fazenda São João – True Type abriga um rebanho de 3,1 mil animais e produz anualmente 12,5 milhões de litros de leite. Embora impressionantes, os números – que colocam a propriedade como a terceira maior produtora do país – não são a única razão do destaque do empreendimento de Huguette e Flavio Noronha Guarani. Ambos investem em conhecimento. "Acreditamos que a execução das tarefas por pessoas treinadas e motivadas seja o maior diferencial para um negócio bem-sucedido", diz Flavio.

Essa convicção leva os proprietários a promoverem treinamentos e encontros de desenvolvimento para os profissionais. Adotam ainda um programa de participação nos lucros e, com o apoio da prefeitura de Inhaúma, mantêm uma escola na propriedade. A fazenda também é aberta a colégios, universidades e empresas, cujos estudantes a utilizam para experimentos e defesa de teses de mestrado e doutorado.

Razões para estudo não faltam. A São João possui certificação ambiental e atende a todos os requisitos definidos pelos órgãos fiscalizadores. Além de dedicada à atividade leiteira, produz adubo orgânico e fertilizantes, a partir do esterco bovino, e o *Bio Bric* – produto ornamental para jardins. Outros negócios são a plantação de feijão, em 400 hectares, com produção média de 40 sacos/ha, e a comercialização de tourinhos e fêmeas de gado Holandês – que será incrementada em 2012 com a oferta de fêmeas Girolando com grau de sangue ¾.

Todo esse bem-sucedido negócio teve início em janeiro de 2002, quando a propriedade recebeu um rebanho de 1,2 mil animais adquiridos desde o ano 2000 no Paraná, onde, em uma fazenda arrendada, foram abrigadas bezerras selecionadas, posteriormente recriadas e inseminadas.

Hoje com 67 funcionários, distribuídos nas atividades administrativas e de agricultura e pecuária, a propriedade é assistida pelo ReHagro – Recursos Humanos no Agronegócio, que dispõe de cursos de aperfeiçoamento e especialização em pecuária e agricultura. À frente da gestão está o médico-veterinário Clóvis Corrêa, e, na gerência-geral, o médico-veterinário Paulo Henrique Martins Garcia.

> "O conhecimento é a maior ferramenta de transformação do mundo e um insumo fundamental para se obter sucesso em qualquer negócio."

Flavio Noronha Guarani
Proprietário da Fazenda São João – True Type

Fazenda promove atividades periódicas de treinamento e aperfeiçoamento técnico dos profissionais

Manejo

Os animais recebem dieta total em pista de alimentação e têm como principais volumosos silagem de milho, cana-de-açúcar e tifton picado. No verão, os animais jovens e as vacas secas vão ao pasto. Para dar conta da dieta, são produzidas 20 mil toneladas de milho por ano em 400 hectares sob pivô central. Em outros 80 hectares estão plantados milho sequeiro para a elaboração de silagem de grão úmido. Há ainda 60 hectares de cana-de-açúcar – usada para recria, vacas secas e vacas em final de lactação, no inverno. Já o tifton (tipo de forrageira) é cortado diariamente e fornecido às vacas de leite.

Os cuidados sanitários incluem exames de brucelose e tuberculose a cada seis meses em todo o rebanho, e o cultivo microbiológico de todas as vacas que apresentem mastite clínica. Os animais doentes são separados – e ordenhados com equipamentos exclusivos – e recebem cuidados e tratamentos específicos.

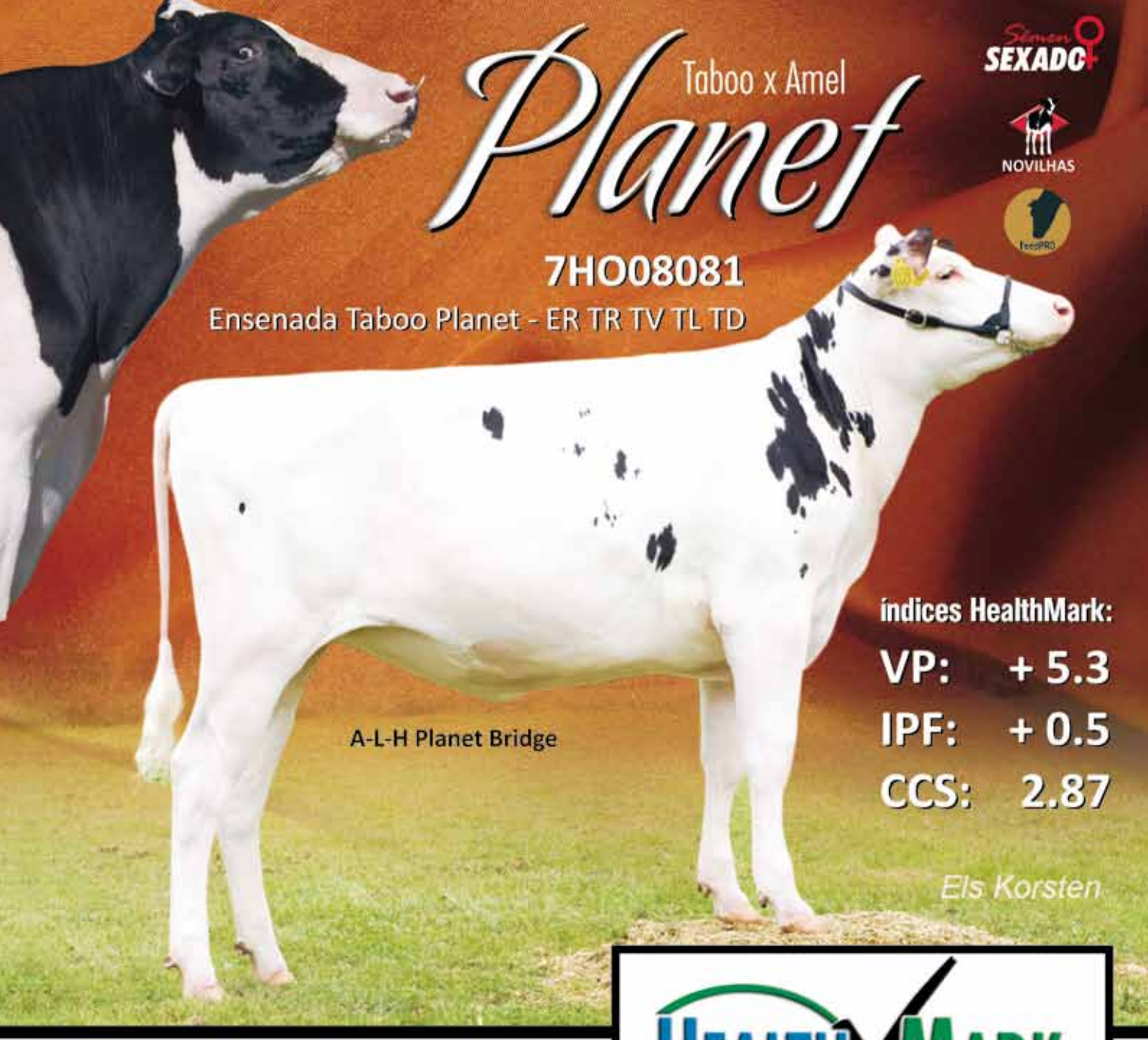
O controle sanitário é completado por um programa de vacinações que contempla a aplicação nas bezerras, aos quatro meses, da primeira dose das vacinas contra raiva, clostridioses, botulismo, IBR/BVD e leptospirose, reforçadas 30 dias após a primeira dose e repetidas a cada seis meses. Contra a brucelose, os animais são vacinados aos quatro meses, e, contra a aftosa, de acordo com as recomendações do Instituto Mineiro de Agropecuária (IMA).

Esses cuidados somam-se à adoção de recursos como inseminação artificial e transferência de embriões, que garantem avanços genéticos e animais superiores. São mantidos ainda 400 hectares de pivô central, pois a fazenda está localizada em região com chuvas concentradas, o que torna fundamental a irrigação para assegurar a produção de alimentos.

"Outro diferencial é a busca pela qualidade nos processos", complementa Guarani. "Gostamos do que fazemos e acreditamos muito nos objetivos de nosso negócio. Orgulhamo-nos de cada resultado obtido e sofremos a cada dificuldade encontrada. Temos diversas pessoas 'vestindo a camisa' com esse espírito, fazendo do sucesso da True Type o seu sucesso."

Justamente por esse exemplo, Flavio acredita que a atividade leiteira pode ser rentável em qualquer escala. Basta, para isso, buscar conhecimento. "É fundamental estar atualizado, pois processos e recursos são renovados e aprimorados a cada instante. O conhecimento é a maior ferramenta de transformação do mundo e um insumo fundamental para se obter sucesso em qualquer negócio", conclui.

> "Gostamos do que fazemos e acreditamos muito nos objetivos de nosso negócio."
>
> **Flavio Noronha Guarani**
> Proprietário da Fazenda São João – True Type



Touros HealthMark

Para quem se preocupa com a saúde da vaca e do leite.

selecionados pelos PTA de Vida Produtiva (VP), Indice de prenhez das filhas (IPF) e Contagem de Celulas somáticas (CCS).

Av. Viena, 274 | Porto Alegre / RS
selectsires@selectsires.com.br
Fone: 51 3222.96.88
www.selectsires.com.br

SELECT SIRES

SELECT SIRES DO BRASIL

preview

Incentivo para um leite melhor

LBR lança oficialmente, em todo o Brasil, programa que remunera o produtor pela qualidade

A adoção de programas de pagamento pela qualidade do produto tornou-se uma unanimidade no setor leiteiro. Experiências em todo o mundo indicam existir uma relação diretamente proporcional entre a melhoria das propriedades do alimento e a remuneração de acordo com elas. "Fizemos uma análise em todas as unidades do Brasil, e os melhores resultados foram registrados em Goiás, onde a LeitBom já adotava o Sistema de Valorização da Qualidade (SVQ) do Leite desde 2008", diz o gerente nacional de Política Leiteira da LBR, Antonio Carlos de Souza Lima Jr. Em razão disso, a empresa estenderá o programa para todo o país até o final de 2011.

O lançamento oficial acontece justamente quando os produtores se veem diante do desafio de enquadramento a padrões mais rígidos de qualidade estabelecidos pela Instrução Normativa 51, do Ministério da Agricultura. "Foi uma feliz coincidência. Muito se discute sobre a necessidade ou não de adiar a entrada em vigor dos novos parâmetros, mas acreditamos que não deva haver recuo nas datas. Precisamos perseguir esses valores e nosso programa inclusive estimula a sua superação", diz Lima Jr.

O diretor de Captação e Suprimentos da LBR, Roberto Hentzy destaca o fato de o SVQ estar integrado às outras iniciativas desenvolvidas pela empresa para aprimorar a atividade no campo, que incluem a transferência de tecnologia, o estabelecimento de parcerias e convênios, e de vias para o acesso ao crédito. "O SVQ evidencia nossa disposição em contribuir para fortalecer o setor ao remunerar as melhorias que os produtores promovam nas suas fazendas. Além disso, é uma clara demonstração do zelo que temos em fornecer aos consumidores um produto de alta qualidade", detalha.

Vantagens da qualidade

- ✓ Aumento da segurança alimentar
- ✓ Redução de perdas
- ✓ Aumento da vida de prateleira dos lácteos
- ✓ Redução de custos
- ✓ Produção de lácteos de maior valor agregado
- ✓ Viabilização da exportação

> O SVQ evidencia nossa disposição em contribuir para fortalecer o setor ao remunerar as melhorias que os produtores promovam nas suas fazendas.

Roberto Hentzy
Diretor de Captação e Suprimentos da LBR

O que conta na conta

Os novos parâmetros de formação de preços serão:

- ✓ **Preço-base**
  Preço mínimo, igualmente fixado para todas as regiões onde a LBR compra leite.
- ✓ **Adicional por volume**
  O valor é fixo por litro de leite para todas as regiões de captação de leite da empresa. O preço aumenta linearmente com o acréscimo do volume de cada produtor.
- ✓ **Adicional de mercado**
  Pode variar de acordo com as condições da região.
- ✓ **Gordura e proteína**
  São os teores sólidos do leite, que aumentam o rendimento do produto e a competitividade em toda a cadeia láctea.
- ✓ **Contagem de Células Somáticas (CCS)**
  Indica a saúde da glândula mamária, com redução nas perdas na produção devido à infecção e ao descarte de leite, diminuição dos custos de tratamento de mastite e descarte de animais.
- ✓ **Contagem Bacteriana Total (CBT)**
  Permite avaliar as características físico-químicas e organolépticas (paladar, odor e sabor) do leite.

Sistema

Pelo Sistema de Valorização da Qualidade da LBR, os produtores são remunerados com um valor-base, comum a todos e estipulado pela empresa. Em cada região, de acordo com o cenário local, a LBR também estabelece um adicional de mercado. "Leva-se em conta, principalmente, a localização da propriedade em relação à fábrica na qual o leite é entregue e ao mercado para o qual os produtos daquela fábrica se destinam", destaca Dilson Reginatto, coordenador de Política Leiteira da LBR.

Além desses valores, os fornecedores poderão ter incrementos no preço em razão do volume entregue à empresa – ou seja, quanto mais leite, melhor a remuneração. "O adicional por volume tem como objetivo estimular o aumento "vertical" da produção, com acréscimo na relação entre quantidade coletada por quilômetro rodado. O valor por litro de leite é fixo e idêntico para todas as regiões de captação e aumenta linearmente com a ampliação do volume de cada produtor", explica Reginatto.

Mas os principais indicadores que resultarão em preços variáveis referem-se à qualidade. Serão avaliados os teores de proteína e gordura, a Contagem de Células Somáticas (CCS) e a Contagem Bacteriana Total (CBT). Para isso, todos os meses, duas amostras do produto passarão por análise laboratorial.

Os resultados considerarão a média de um total de quatro amostras coletadas: duas do mês em vigor e duas do anterior, o que permitirá estabelecer uma média mais justa ao produtor e reduzir o impacto de variações sazonais. "Por exemplo: duas coletas feitas no mês de agosto serão computadas juntamente com duas do mês de julho, para se ter uma média do período. De acordo com os valores obtidos na análise, o produto é classificado como negativo, neutro ou positivo", detalha Antonio Carlos.

Capacitação

Uma das preocupações da LBR no processo de introdução do programa foi capacitar os motoristas que captam o leite nas propriedades. Eles são os responsáveis pela retirada das amostras enviadas às unidades que integram a Rede Brasileira de Laboratórios de Controle da Qualidade do Leite (RBQL) para análise. "O ideal é que os produtores acompanhem de perto esse trabalho, para se certificarem de que está tudo correto", reforça o gerente nacional de Política Leiteira da LBR.

As equipes de atendimento aos produtores, nas regionais da empresa, também prestarão esclarecimentos sobre o SVQ. Além disso, os produtores receberão cartilhas com as orientações sobre o funcionamento do programa e os valores a serem pagos de acordo com as propriedades do produto entregue. "Nossa ideia é que a iniciativa seja de inclusão, de aperfeiçoamento, e não de exclusão daqueles que ainda não alcançam os parâmetros desejados. Não é um processo seletivo; pelo contrário, é uma tentativa de contribuir para que os produtores se mantenham na atividade", ressalta Hentzy. Ele argumenta que ao estimular o "fazer mais, com menos", a empresa contribui para que a produção de leite seja uma atividade mais rentável e sustentável.

Relevância

"Um programa de pagamento por qualidade é certamente um divisor de águas, o que pode ser comprovado numericamente com a evolução dos dados das amostras analisadas", diz Albenones José de Mesquita, coordenador do Laboratório de Qualidade do Leite da Universidade Federal de Goiás, que conhece o SVQ desde que ele foi lançado em Goiás. "A expectativa e o desejo é de que esse bom programa tenha sucesso na LBR, para que produtores e indústria saiam simultaneamente fortalecidos", diz.

Para Paulo Machado, coordenador da Clínica do Leite da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq/USP), os programas de valorização da qualidade são importantes para profissionalizar a cadeia do leite e atrair investimentos do setor produtivo. "O pagamento pela qualidade do leite cru sinaliza ao produtor o que os consumidores e a indústria desejam, fazendo com que a produção e o processamento sejam organizados, tornando toda a cadeia mais sólida", explica.

Ele dá um exemplo do impacto do pagamento diferenciado sobre as características do leite coletado em propriedades que integram ações semelhantes às do SVQ: "Em dois anos, houve aumento de 55% para 66% no número de produtores com CBT menor do que 100 mil unidades formadoras de colônia por mililitro de leite".

Boa experiência no Centro-Oeste

A LeitBom, que foi integrada à LBR, já desenvolvia o Sistema de Valorização da Qualidade (SVQ) em Goiás desde janeiro de 2008. "É uma forma justa de recompensar os produtores", considera Laurindes Bing, que tem fazenda no município de Arenópolis e entrega 1,7 mil litros por dia à empresa.

Ele ressalta o fato de os parâmetros de qualidade servirem também para monitorar aspectos como a sanidade ou a alimentação do rebanho. "A Contagem de Células Somáticas, por exemplo, indica como está a condição dos animais em relação à mastite, o que é fundamental para assegurar a persistência deles e tem impacto direto na quantidade fornecida. Já a gordura pode sinalizar problemas na alimentação", explica.

Luis Carlos Pereira Caetano, produtor em Sanclerlândia, também integra o SVQ desde que passou a fornecer à LBR há poucos meses. Ele destaca o sistema como uma maneira de estimular os produtores a buscarem o aprimoramento na atividade. "Acho importante isso acontecer e que o consumidor também tenha a segurança de receber um produto bom", diz o pecuarista que fornece diariamente 450 litros à LBR.

Bons resultados

Os dados da tabela abaixo referem-se à análise de duas amostras coletadas de cada produtor no mês de abril de 2011, em Goiás. Eles consideram como parâmetro as novas exigências da Instrução Normativa 51, que vigora a partir de 1º de julho deste ano.

Percentuais em relação ao volume de leite comprado

(diretamente dos produtores que já atendem às exigências da Instrução Normativa 51)

	Volume de leite	Gordura acima de 3,1%	Proteína acima de 2,9%	CCS abaixo de 400.000/ml	CBT abaixo de 100.000 UFC/ml
Sanclerlândia	3 milhões	97,22	97,88	82,42	76,61
São Luís de Montes Belos	6 milhões	99,41	99,76	64,07	47,61
Uruaçu	2,5 milhões	92,58	99,81	31,47	63,66

MODELO

Fotos Cleon Frota

João Paulo Pereira: meta é reunir 50 vacas em lactação, com média de 25 litros de leite diários por animal

Tecnologia em favor da produtividade

Com melhoramento genético, João Paulo quintuplicou a média de leite por vaca em sua propriedade

A fazenda Alto da Coxilha, localizada em Estrela Velha, no Rio Grande do Sul, pertence à família de João Paulo Pereira há muitas décadas. Mas foi sob o comando dele que, há 16 anos, a rentabilidade da propriedade passou a crescer. A mudança se deu quando o produtor decidiu investir na venda de leite, negócio que teve início com apenas cinco vacas. Ele conta que, na época, a produtividade média era de 15 a 20 litros de leite/dia, o equivalente a 5 litros por animal.

Ciente de que poderia melhorar a produção diária, João Paulo optou por investir no melhoramento genético dos animais para obter raças definidas. Decidiu fazer um curso na Semeia, hoje Select Sires, – empresa que oferece treinamento para a formação de inseminadores e divulga conhecimentos sobre sanidade, manipulação de sêmen, controle de cio e manejo de reprodução – e capacitou-se em inseminação artificial, atividade que realiza com sucesso há 12 anos.

Hoje, na propriedade de 80 hectares, é adotado o sistema de produção a pasto e, além do gado, também há cultivo de soja. Graças ao empenho do produtor, aos investimentos realizados e à inseminação, o rebanho é formado por 42 vacas em lactação, a maioria da raça Holandesa. Para obter leite com qualidade ainda maior, João Paulo possui também alguns animais da raça Jersey. Segundo ele, a produção atual está na média de 20 litros por vaca/dia, cinco vezes mais do que quando iniciou as atividades, há 16 anos. Além dessa área, João Paulo adquiriu mais terras depois que passou a produzir leite.

O produtor mantém apenas um empregado, mas conta com a ajuda de sua esposa, Rita de Cássia, para comandar o negócio familiar. Na propriedade também vive Lucas, o filho do casal. "O guri estuda, e, por enquanto, segue meus passos. Mas acredito que minha filha, Laís, que cursa Zootecnia na Universidade Federal de Santa Maria, é quem tem mais tendência para assumir os negócios", diz.

Controles

João Paulo faz parte de uma cooperativa que comercializa leite para a LBR desde a criação da empresa. Para forne-

cer um produto de qualidade, realiza – e afirma obter resultados muito bons – contagens de células bacterianas e somáticas, além de possuir sistema de ordenha canalizada. “Também faço controle de mastite, tudo certinho”, orgulha-se.

Com esse bom desempenho e sua grande dedicação, João Paulo foi convidado pela LBR para aderir ao Plano 300, que visa a auxiliar os fornecedores para o alcance da meta de produção de 300 litros/dia de leite, volume que a empresa considera necessário para um negócio sustentável. Ele também almeja melhorar sua produção e se impõe como meta reunir, em um ano e meio, 50 vacas em lactação com uma média de 25 litros/dia por animal.

Raio-X da propriedade

42
vacas em lactação

Média de
20
litros/dia por animal

80
hectares de área total

70
dedicados ao plantio de soja no verão

Sistema de produção a pasto

Sistema de ordenha canalizada

Em apenas uma década, a produção nacional de leite avançou

52,8%

O consumo de leite anual por pessoa também cresceu e chegou a

161
litros em 2010

Cenário é bom, mas pode melhorar

Apesar de o Brasil avançar continuamente na produção e no consumo de leite, há uma série de desafios a serem vencidos

Em apenas uma década, a produção nacional de leite avançou 52,8%, passando de 19,7 bilhões de litros, em 2000, para 30,4 bilhões, no ano passado. A projeção para 2011 é de crescimento de aproximadamente 5%, chegando aos 32 bilhões de litros. O consumo por pessoa também evoluiu e chegou a 161 litros em 2010, o que significa 7% acima do registrado em 2009 e 89 litros mais na comparação com o ano de 2000.

"O consumo de lácteos está em crescimento e o público deseja cada vez mais produtos e qualidade. Isso faz com que a indústria busque ofertar leite e derivados diferenciados, o que, por sua vez, estimula o produtor a aprimorar as atividades no campo", diz o presidente da Leite Brasil, Jorge Rubez, para justificar seu otimismo em relação à cadeia leiteira do país.

Além dos números que amparam essa expectativa, estudo recente feito pela Leite Brasil mostra que a cadeia do leite, considerando todas as atividades a ela relacionadas – produção, industrialização e transporte –, é responsável pelo maior número de postos de trabalho do setor privado

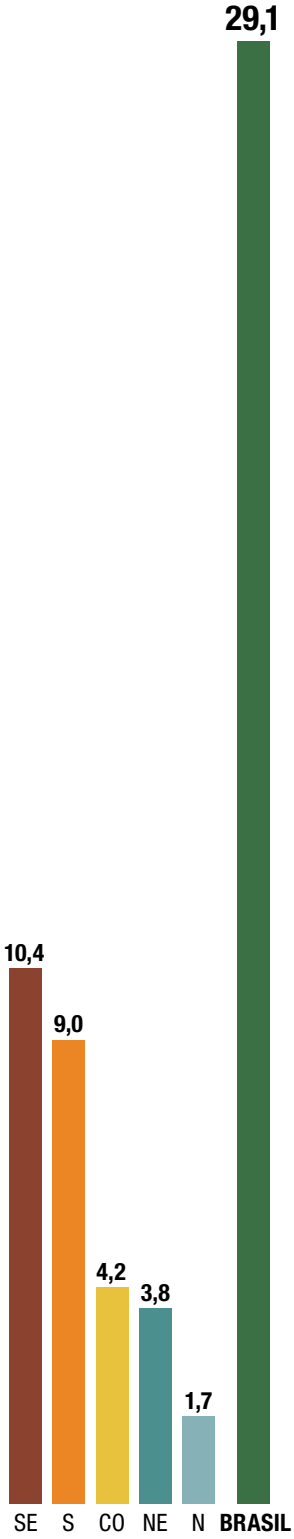
brasileiro. São 4 milhões de trabalhadores, sendo 3,8 milhões distribuídos em aproximadamente 1,2 mil propriedades. "Nenhuma outra cadeia gera mais empregos. E há uma especificidade nesse caso: a maioria das pessoas só sabe trabalhar com isso. Daí também a importância de profissionalizá-las, capacitá-las", defende Rubez.

O cenário é positivo e também bastante promissor, porém pode ser ainda melhor. A pesquisadora da Embrapa Gado de Leite, Kennya Beatriz Siqueira, diz que o Brasil tem grande capacidade para atender à demanda crescente por leite, internamente e no mundo. Mas falta coordenação na cadeia, que ainda convive com altas taxas de informalidade e baixa qualidade da matéria-prima. "Há ainda elevada volatilidade dos preços e falta de mecanismo para gerenciar seus riscos, tanto na produção quanto na indústria de laticínios, o que afeta consideravelmente o setor. Isso tudo dificulta um pouco o crescimento e desenvolvimento", diz.

Rafael Ribeiro, da Scot Consultoria, concorda que a oscilação de preços é um problema. Ela é maior no Brasil do que em outros países produtores, até mesmo por condições climáticas. Esse fatores ainda resultam em variações no nível de fornecimento em alguns períodos do ano – embora isso esteja sendo significativamente superado nos últimos tempos. "Na Europa, por exemplo, quase 100% dos animais são criados em sistemas confinados, com menos vulnerabilidade às condições do tempo, e recebem su-

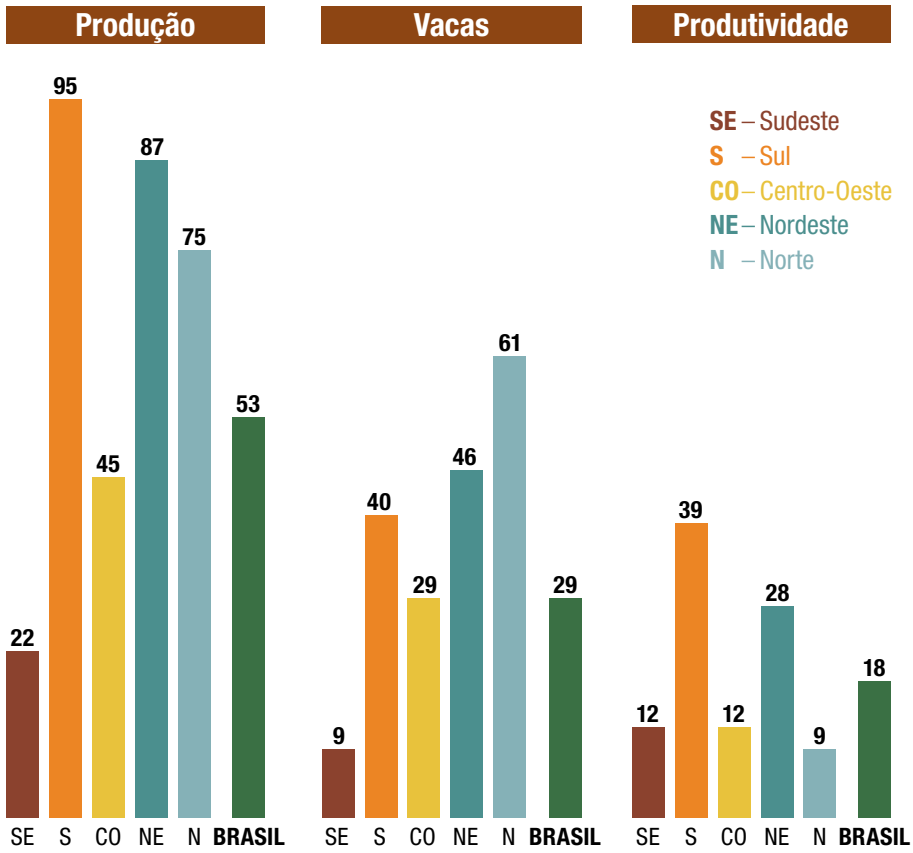
Produção em 2009

(em bilhões de litros)



Crescimento da produção brasileira

Evolução entre 1999 e 2009 (em %)



Ganhos de produtividade e qualidade envolvem adoção de tecnologia e capacitação da mão de obra

plementos. Há também o subsídio, que é forte por lá. Não temos como vislumbrar, pelo menos por agora, algum mecanismo que assegure o preço do leite para o produtor brasileiro", explica. Segundo ele, a saída para minimizar esse impacto passa pela profissionalização, fator apontado também por Rubez e Kennya como fundamental para que o Brasil seja protagonista no cenário mundial do leite.

Para alcançá-la, é necessário gerir melhor os custos, o que assegura boas margens aos negócios. "O preço dos insumos de produção também apresenta volatilidade, porém menor do que o do leite, o que faz com que o controle seja mais fácil. Alguns produtores já entenderam que precisam saber administrar a atividade. Nesse sentido, estão sendo adotadas algumas ações, como o acompanhamento das previsões de safra e movimento de preços da soja, do milho e de outros insumos", relata Kennya.

Segundo Ribeiro, a atenção aos mercados permite aproveitar oportunidades, prever as quedas e altas de preços e se antecipar na compra ou substituição de insumos. Kennya complementa: "Além disso, associações e grupos de produtores têm sido formados visando à compra conjunta de insumos, o que amplia o poder de barganha e as chances de obter descontos. Também já existem indústrias de laticínios auxiliando os produtores nas compras."

Volume e qualidade

Obter bons resultados na propriedade envolve aumentar o volume e aprimorar a qualidade do produto entregue aos laticínios. Isso demanda iniciativas simples, mas também investimentos em tecnologia e, especialmente, em genética. A impossibilidade ou o desinteresse em relação a esses aspectos é o que justifica a saída de produtores da atividade nos últimos anos.

"Na maior parte dos casos, são pessoas que não estavam efetivamente engajadas, tinham pouca margem e qualidade, e resolveram migrar para outras práticas agrícolas, como a cana-de-açúcar, que está em evidência", explica Rubez. Ele acrescenta que, apesar dessa evasão, o país continua a crescer em produção, sem aumentar o tamanho do rebanho e a área de terra destinada à atividade.

Mercado interno absorve a produção

Há anos fala-se do potencial do Brasil para exportar leite. No entanto, a realidade mostra o acúmulo de déficits na balança comercial. "Poucos países no mundo têm condições de aumentar muito sua produção para atender à crescente demanda de lácteos. Nós temos! No entanto, para isso, precisamos melhorar a qualidade do produto", diz Kennya Beatriz Siqueira, pesquisadora da Embrapa. Ela ressalta, porém, a existência de outras barreiras ao desenvolvimento do setor, incluindo a taxa de câmbio.

Jorge Rubez, presidente da Leite Brasil, diz que é preciso também cuidar das fronteiras brasileiras. "Em razão dos subsídios, concorremos contra o tesouro de muitos países e não com sua capacidade técnica. Ao mesmo tempo, temos de estar atentos às importações, valorizar nosso produto", diz. O fato é que o consumo interno está aquecido, o que reflete no preço pago ao produtor e no valor ao consumidor.

Segundo Rubez, a expansão do consumo interno é importante, mas não é mérito dos agentes da cadeia do leite, mas de um governo que conseguiu incrementar a renda da população. "Os metalúrgicos foram tão organizados que elegeram um presidente da República e agora uma presidenta. Têm grandes méritos por essa mobilização. Nós, do setor leiteiro, estamos em maior número, mas precisamos nos articular", acredita.

Ele defende medidas simples, como campanhas de divulgação dos benefícios do produto, a exemplo da recomendação do Ministério da Saúde do consumo de pelo menos 200 litros de leite ao ano por habitante. "Se chegarmos a isso, teremos de aumentar a produção, o que vai mexer com a cadeia. Já há falta de matéria-prima em decorrência do maior consumo. Quanto mais o consumidor brasileiro ganhar, mais teremos de produzir. E isso é uma oportunidade", defende Rubez.

Hoje, o Brasil é o sexto maior produtor de leite do mundo. Mas no *ranking* de consumo da FAO, agência para Agricultura e Alimentação das Nações Unidas (ONU), está em 65º lugar.

Classificação dos produtores pela Scot

Alta tecnologia

- 25 mil litros/ha/ano
- 4 mil litros diários ou mais
- Lotação média de 4,48UA/ha
- Adubação de pastagem
- Suplementação dos animais
- Sistema mecanizado de ordenha (tanque de resfriamento e ordenha automática, em linha)
- Mão de obra qualificada

Baixa tecnologia

- 4 mil litros/ha/ano
- Média diária de 500 litros ou menos
- Lotação média de 1,18UA/ha
- Pouca ou nenhuma adubação de pastagem
- Suplementação dos animais quase que exclusiva na seca
- Em geral, com tanque de resfriamento, mas ordenha manual ou balde ao pé

"Estamos fazendo um levantamento que deve confirmar a mudança no perfil dos fornecedores: cada vez mais, eles estão deixando de ser pequenos para se tornar médios, e isso é bom, pois vai ocasionar aumento de volume e de qualidade. Essa migração acontece justamente pelos incentivos para que se produza mais e melhor, e pela aplicação de novas tecnologias. No Rio Grande do Sul, no Paraná e em Goiás, houve incentivos, com financiamentos, para a qualificação da genética do rebanho", exemplifica.

Ribeiro confirma o incremento da produtividade no Brasil nos últimos anos. Hoje, chega a 1,2 mil litros por vaca ao ano, enquanto em 1990 era de apenas 750 litros. Segundo ele, a necessidade de tecnologia e qualidade fica evidente na avaliação de rentabilidade das atividades agrícolas. Em 2010, os fornecedores classificados pela Scot Consultoria como os que produzem com alta tecnologia tiveram rentabilidade média de 11,42%. Já os considerados aplicadores de baixa tecnologia tiveram déficit médio de 0,79%.

"É preciso fazer controles e planejamentos eficientes. Não é exagero imaginar o preço do leite em R$ 0,90 este ano, mas os custos também estão subindo e chegam a ser 40% mais elevados do que no mesmo período do ano passado. Então, é preciso ser o melhor possível para obter ganhos", diz Ribeiro.

Instrumento que deve motivar os produtores a qualificar suas atividades é a Instrução Normativa 51, que estabelece os parâmetros mínimos de qualidade a serem respeitados e entra em vigor em 1º de julho. "Talvez, ao elaborarmos a IN 51, tenhamos sido exigentes demais, mas não devemos recuar. Vamos fazer o que for possível e melhorar o que pudermos", defende Rubez.

Fator que pode dificultar essa melhora é o gargalo de mão de obra qualificada. "Há muita desinformação, muita necessidade de difundir conhecimento", confirma Ribeiro, sobre a adaptação à IN 51. Rubez explica que ao mencionar a "qualificação da mão de obra" não se refere a nenhum conhecimento extraordinário, mas até mesmo a conceitos básicos para a produção, como aspectos de higiene. "Não tem nada a ver com o produtor ordenhar na mão ou com um equipamento mecânico, mas com medidas simples. O homem do campo precisa saber o que está fazendo para não estragar o produto, saber como lidar com um bezerro, como ordenhar corretamente, como tratar a mamite. Há ainda o fato de dependermos cada vez mais de máquinas, como ensiladeira, roçadeira e ordenhadeira. E não temos gente que opere esses equipamentos corretamente", conclui.

Concentração

O país vivencia também um movimento de concentração de mercado, com um número menor de indústrias, em decorrência de aquisições e fusões. "Apesar desse cenário, o mercado é bem pulverizado, ou seja, a concorrência não foi ameaçada, o que é saudável. E acredito que essa unificação de empresas pode, sim, contribuir para que o setor caminhe de forma mais integrada e eficiente", defende Ribeiro.

Kennya também considera positivo o movimento de concentração. "Teremos indústrias maiores, com mais capacidade para enfrentar os desafios internos, assim como para atingir o mercado externo. Além disso, essa concentração pode proporcionar maior competição na busca por produtores e consumidores, o que é bom para o mercado", destaca. Ela explica que uma pulverização excessiva é problemática, pois as ações conjuntas e buscas por melhorias no setor ficam mais difíceis.

"Como temos um grande número de produtores, muito heterogêneos, fica complicado até mesmo para o governo tomar medidas que beneficiem o setor, pois há muitas diferenças de técnicas (rudimentares, modernas, etc.) e objetivos (consumo próprio, exportação, mercado formal, entre outros). Essa heterogeneidade dificulta até o funcionamento da indústria, que precisa lidar com oscilações em número de fornecedores, volume entregue e qualidade do produto", conclui.

ETSCHEID
Techno

Capacidade 250, 350, 500, 650, 800, 1000, 1270, 1600, 2000 litros

Tanques Resfriadores SÉRIE KWSTI

Construído internamente e externamente em aço inox (de acordo com a ISO 5708 e em função normativa 51), com isolamento térmico em poliuretano expandido de alta densidade não permitindo o aumento de temperatura. Composto por compressor hermético de alta performance sendo dimensionado conforme a capacidade e regime de trabalho. Evaporador soldado por processo LASER expandido em alta pressão, garantindo perfeita troca térmica. Sistema de agitação suave para a uniformização da temperatura e homogenização do leite.

(Fundo Expansão)
Solda Laser

AGORA COM 8 ANOS DE GARANTIA

Ordenhadeiras canalizadas

ETSCHEID Techno como um dos líderes na fabricação de equipamentos para industria de laticínios agora também oferece modernas instalações de ordenha.
São usados componentes de alta qualidade, fornecidos por indústrias reconhecidas, ou fabricados na ETSCHEID Techno, em Pirajuí - SP.

ETSCHEID:
Ordenha muito melhor

ETSCHEID Techno S.A.
Rod. Marechal Rondon Km 394 - Caixa Postal 52 - CEP: 16600-000 - Pirajuí/SP - Brasil
Contatos: Central (14) 3584-8800 - Fax (14) 3584-8809 - www.etscheid.com.br
Vendas (14) 3584-8801 / (14) 3584-8802 - vendas@etscheid.com.br

Energia feita em casa

Produtor pode optar por soluções que vão de painéis solares a microcentrais hidrelétricas para a geração e até a venda do insumo

Energia é um insumo fundamental na produção de leite. Novas tecnologias tornaram mais acessível o autoabastecimento por fontes alternativas e até mesmo abriram a possibilidade de lucrar com a venda da energia gerada na propriedade, que pode ser comercializada com concessionárias de distribuição. "Mas é preciso sempre fazer as contas. Para pequenos produtores pode não ser vantajoso instalar fontes de geração de energia com o objetivo de venda", destaca Geraldo Lúcio Tiago Filho, professor da Universidade Federal de Itajubá (Unifei) e secretário-executivo do Centro Nacional de Referência em Pequenas Centrais Hidrelétricas.

Ele afirma que o Brasil ainda carece de regulamentação clara para tornar essa venda mais atrativa, uma vez que muitos produtores já são atendidos pelas redes de energia, o que não acontecia há alguns anos. Com isso, para muitos, a autogeração não faz sentido. "Necessitamos de mais incentivos para que o uso de fontes alternativas seja não apenas uma possibilidade para abastecer a fazenda, mas também um produto agroindustrial", diz. Para o professor, isso é benéfico, pois reduziria a utilização dos combustíveis fósseis (como o diesel de geradores) e poderia ampliar a estabilidade e confiabilidade das redes das distribuidoras de energia.

Tiago Filho destaca que quatro fontes alternativas de energia são mais comumente empregadas no Brasil: biomassa, eólica, solar e microusinas hidrelétricas – nessa ordem, de acordo com a facilidade de instalação e investimento. "Para quem pensa em adotar uma dessas soluções, o primeiro passo é fazer um inventário do potencial elétrico na propriedade", diz. Segundo ele, a partir das coordenadas geográficas da fazenda é possível consultar os potenciais eólico e solar, prever qual será a geração de energia média e calcular o custo/benefício.

Potencial

Para buscar informações e estimativas sobre o potencial solar e eólico de sua região, o produtor pode acessar, por exemplo, o *Atlas do Potencial Eóli-*

co Brasileiro e o *Sundata* – disponíveis no site www.cresesb.cepel.br. "Quanto mais vento e sol o local tiver, mais energia será produzida e, consequentemente, mais cedo os sistemas se pagam", detalha Eduardo Konze, sócio da Energia Pura Empreendimentos, empresa que há 18 anos projeta e instala painéis solares e aerogeradores em residências e estabelecimentos comerciais. "Mas é importante chamar um consultor que tenha mais familiaridade com as informações para avaliá-las e dimensionar corretamente as necessidades", diz.

Se a opção for por biomassa, deve-se dimensionar todos os resíduos que podem ser transformados em energia, do bagaço de cana às fezes dos animais. Os dejetos das vacas transformam-se em biogás com a instalação de um biodigestor. Se a escolha for por microusinas hidrelétricas, é necessário levar em conta aspectos da topografia e ocorrência de água na propriedade, além de características de queda e fluxo de água.

"Na dúvida entre energia solar e eólica, a experiência tem mostrado que o aproveitamento dos ventos é uma forma mais econômica", diz Konze. Segundo o empresário, isso decorre do fato de os equipamentos apresentarem maior vida útil – de até 20 anos, sem custos de manutenção. Outra possibilidade é o uso de placas fotovoltaicas para a captação de energia solar. A baixa taxa de conversão de energia, de apenas 15%, entretanto, torna o retorno do investimento mais lento.

Tanto para a geração eólica como para a solar é possível instalar um *kit* por cerca de R$ 5 mil. "São soluções para pessoas que não têm acesso à rede das concessionárias de distribuição de energia. Esse fator limita a possibilidade de calcular o tempo para reaver o investimento, já que não estamos comparando com a energia regular", frisa.

Tanto Tiago Filho como Konze dizem que é relativamente comum, e normalmente recomendável, que o produtor introduza sistemas híbridos, ou seja, combine mais de uma tecnologia para a geração de energia, para não ficar vulnerável a fatores de risco, como oscilações de chuvas, ventos, etc.

Painéis solares coletam a energia que tem uso bastante comum em sistemas de aquecimento de água

Luz do sol para produzir calor ou eletricidade

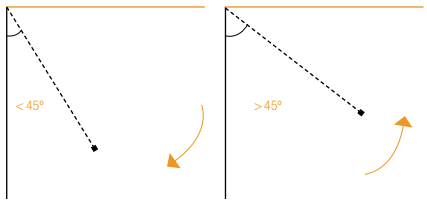
É o aproveitamento da luz do sol para a produção de calor ou eletricidade, o que normalmente é feito com a instalação de coletores planos com posição (orientação) fixa. No Hemisfério Sul, as placas devem ser instaladas voltadas para o Norte com um ângulo de inclinação igual ao da latitude do local de instalação acrescido de 15 graus. A utilização das placas resulta em economia de energia para o consumidor, com rápida amortização do investimento, muito usado para aquecer água.

O aproveitamento pode ser feito também a partir de painéis fotovoltaicos. O principal fator limitante é a baixa eficiência de conversão, estimada entre 10% e 20%. Ainda assim, os sistemas podem ser empregados com sucesso em tarefas como bombeamento de água e carregamento de dispositivos como telefones celulares. A vantagem é a fácil instalação.

Eólica traz a simplicidade da energia do vento

Para a geração de eletricidade a partir do vento, utilizam-se turbinas eólicas, que ficam no alto de uma torre ou um poste. A energia resultante do movimento das pás das turbinas é enviada ao sistema elétrico ou armazenada em baterias. As principais vantagens são a simplicidade, o custo acessível e o baixo impacto ambiental (o maior risco é a morte de aves que entram em contato com as hélices).

Pode-se fazer uma avaliação "caseira" do potencial dos ventos na propriedade, que depende de comprovação posterior. De acordo com a empresa Energia Pura, a avaliação pode ser feita com uma haste leve de dez metros (pode ser de bambu), cinco metros de fita K7 e uma pedra pequena, de mais ou menos dois gramas. Uma extremidade da fita K7 deve ser fixada na ponta do bambu e a outra, amarrada à pedra. Feito isso, ergue-se o bambu em local onde possivelmente o aerogerador será instalado. O movimento da fita em relação ao bambu é analisado seguindo a figura abaixo:



Menos que 45°, vento fraco

Mais que 45°, vento favorável

Biomassa aproveita matérias orgânicas

Queima de fibras e fermentação de vegetais, como cana-de-açúcar, são opções de energia de biomassa

A bioenergia é a energia armazenada pela natureza. Pode ser obtida por meio da queima de fibras de árvores, relva, turfa, etc.; da fermentação de vegetais (como cana-de-açúcar) ou do estrume de animais.

Uma fonte cada vez mais empregada no meio rural é a do biogás, resultado da ação de bactérias que promovem a liberação de metano, o "gás natural". Para o melhor aproveitamento desse recurso, são utilizados biodigestores, tanques fechados em que o material vegetal e fezes de animais são decompostos por ação de bactérias e promovem a liberação de gás. Depois de certo tempo, quando não mais produz biogás, esse resíduo funciona como um excelente adubo.

O Centro Nacional de Referência em Biomassa desenvolveu a *Ferramenta Computacional para Estimar Produção de Biogás, Geração de Eletricidade e Redução de Carbono para Fazendas de Pequeno e Médio Portes no Brasil*, um *software* gratuito que pode ser obtido no site da instituição (http://cenbio.iee.usp.br/). O programa permite dimensionar o tamanho dos biodigestores e a capacidade de geração de biogás a partir de informações como tamanho do plantel, quantidade de resíduos produzida pelos animais num determinado período de tempo e o consumo de energia elétrica da propriedade. Esses dados são cruzados com outros, como investimentos necessários para a instalação do equipamento, para calcular também a taxa de retorno com a adoção do sistema.

Para produzir 1 m³ de biogás

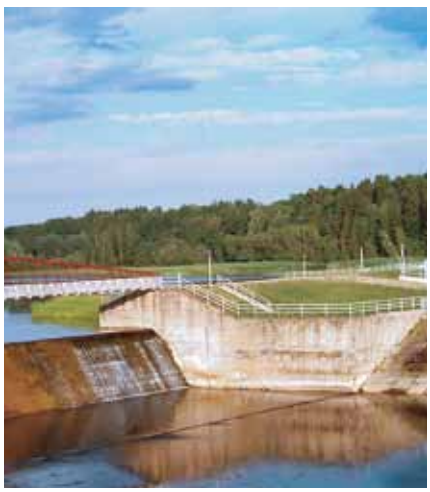
Matéria-prima	Quantidade (kg)
Esterco fresco de bovino	25
Esterco seco de suíno	2,86
Esterco fresco de galinha	2,3
Resíduos secos de vegetais	2,5

Fonte: Castañon, 2002

Produção diária de resíduos líquidos e esterco

Resíduo	Unidade	Suínos	Franco corte	Gado corte	Gado leite	Ovinos
Líquidos	% /dia (PV)	5,1	6,6	4,6	9,4	3,6
Sólidos	Kg/animal/dia	2,3-2,5	0,12-0,18	10-15	10-1	0,5-0,9

Fonte: Konzen, 1980 apud Oliveira, P.A.V, 1993)



Energia hidráulica é a principal fonte do Brasil

Microcentrais movidas pela força das águas

A obtenção de energia por meio da água é comum e fundamental no Brasil, país rico em recursos hídricos. As microcentrais hidrelétricas são uma forma ambientalmente amigável de produzir energia com a força das águas, pois as turbinas podem ter apenas alguns centímetros de diâmetro. Elas se constituem de conchas presas no centro de uma roda montada em um eixo que gira quando um jato d'água é dirigido às conchas.

Nas microcentrais maiores, as turbinas são similares às das grandes centrais, porém em menores dimensões, e podem gerar energia suficiente para abastecer uma fazenda ou até pequenas comunidades. Como vantagens apresentam: facilidade de instalação e manutenção (tubulações, geradores e outras partes são simples e fáceis de encontrar e podem ser instaladas sem a necessidade de equipamento pesado) . Além disso, resultam apenas em pequenas mudanças no fluxo de água, não poluem, não demandam grande barragem ou reservatório e, em razão de a eletricidade ser produzida próxima do local onde será utilizada, dispensam caros sistemas de distribuição de energia.

TETRA PAK

Selo verde impresso em 5 bilhões de embalagens

A Tetra Pak anunciou em março o alcance de 5 bilhões de embalagens produzidas no Brasil em 2010 com o selo de certificação do Forest Stewardship Council (FSC) – em português, Conselho de Manejo Florestal. O selo garante que o papel utilizado como matéria-prima das embalagens é proveniente de áreas florestais exploradas de forma responsável do ponto de vista ambiental e social, desde o plantio da árvore até a elaboração do produto final.

Desde junho de 2008, as embalagens da Tetra Pak utilizam papel certificado pelo FSC fornecido pela Klabin, que é a maior produtora de papéis e embalagens de papéis no Brasil. O selo é incluído por solicitação dos clientes, cada vez mais interessados em mostrar ao mercado seu compromisso com as questões socioambientais.

ABS PECPLAN

Análises mais rápidas e precisas de sêmen

O laboratório da Central ABS Pecplan, em Uberaba (MG), é o primeiro no Brasil a adotar o CASA-IVOS, o mais moderno equipamento para análise computadorizada do sêmen. A inovação foi instalada em janeiro, quando os funcionários receberam treinamento diretamente da fabricante Hamilton Thorne, nos Estados Unidos. Desde março, todas as doses produzidas na central passam pela análise computadorizada antes de serem liberadas para a comercialização.

O sistema IVOS é reconhecido internacionalmente como rápido, preciso e cientificamente testado e validado. O médico-veterinário Neimar Severo, gerente de Produção da Central ABS Pecplan, explica que ele avalia a qualidade do sêmen depois do congelamento. "São análises objetivas, não existem erros na interpretação da motilidade das células. Na avaliação visual, esse trabalho depende muito da perícia do técnico que a realiza", observa.

SELECT SIRES

Seleção genômica é tema de visita

O especialista em genética leiteira e gerente do programa de seleção genômica dos touros da Select Sires, Jeff Ziegler (foto), esteve no país em abril, visitando propriedades nos três estados do Sul e ministrando palestra sobre a importância da seleção de touros na era do genoma.

Ele observou o manejo e os rebanhos da Agropecuária Sol Nascente, em Ibirubá (RS); da fazenda de Celso e Ricardo Artuzzo, em Pontão (RS); da propriedade de Wilson Zanatta, em Tapejara (RS); e da fazenda de Lucas Rabers, em Curitiba (PR). Também visitou a Associação Paranaense de Criadores de Bovinos da Raça Holandês (APCBRH) e ministrou palestras na Universidade de Passo Fundo (UPF) e na Universidade de Santa Catarina (Udesc).

BNDES

Parceria para impulsionar tecnologias

O BNDES e a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) assinaram Acordo de Cooperação Técnica para a execução do Plano Conjunto de Apoio à Inovação Tecnológica Industrial dos Setores Sucroenergético e Sucroquímico (PAISS).

O programa prevê recursos de R$ 1 bilhão para o período 2011-2014. Seu objetivo é fomentar projetos que visem ao desenvolvimento, à produção e à comercialização de novas tecnologias industriais destinadas ao processamento da biomassa proveniente da cana-de-açúcar.

Os projetos resultantes dos planos de negócios selecionados terão apoio de uma das duas instituições com base nas linhas de financiamento e nos programas e fundos já existentes. O processo seletivo e a descrição completa do PAISS estão disponíveis nos sites do BNDES (www.bndes.gov.br) e da Finep (www.finep.gov.br).

TORTUGA

Excelência em Tecnologia da Informação é premiada

O gerente de Tecnologia da Tortuga, Valdemir Raymundo, foi premiado em março, na categoria Estratégia de TI, no estudo promovido pela ITMídia e auditado pela empresa PriceWaterhouseCoopers. “Focamos, entre outros pontos, aspectos como os de montar uma equipe, fazer o planejamento e alinhar as prioridades. A estrutura da Tortuga viabilizou o resultado positivo do nosso trabalho”, declarou o executivo. Para a escolha dos destaques, foram avaliados 238 líderes da indústria brasileira de Tecnologia da Informação, distribuídos em 20 categorias.

Na premiação realizada pela ITMídia em 2010, a Tortuga havia sido coroada como empresa mais inovadora em TI no segmento de agronegócio. “Atuamos com o conceito de célula de trabalho, em que todos participam. Cada um sabe a sua função no projeto”, explica Raymundo.

EMBRAPA

Universo da pesquisa em site infanto-juvenil

A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) apresentou no início de abril a crianças e adolescentes de todo o país o site *Contando Ciência na Web* (www.embrapa.br/contandociencia), desenvolvido com o objetivo de transformar o resultado da pesquisa em elementos de um universo que estimula a curiosidade e interação. Entre os dias 4 e 8 daquele mês, todas as unidades da instituição participaram dos lançamentos regionais do site, que contaram com turmas de estudantes de escolas públicas e particulares, e de instituições de ensino especial.

Para o gerente-geral da Embrapa Informação Tecnológica, Fernando do Amaral Pereira, o investimento no novo projeto foi motivado pelo desafio de atender um público habituado às tecnologias web. “Procuramos estar atentos à evolução dessas ferramentas e oferecer conteúdo científico de uma forma adaptada ao público e à internet”, comenta. O site (foto) traz seções como *Você sabia?, Conheça a Embrapa*, *Brinque com Ciência*, *Biblioteca*, *Glossário* e *Bloguinho* – em que as crianças podem trocar ideias com pesquisadores.

MASSEY FERGUSON

Nilson Konrad

Valorização e apoio ao ensino técnico agropecuário

No final de março, a Massey Ferguson entregou uma colheitadeira MF 5650 Advanced, adquirida pelo Colégio Teutônia, no município gaúcho de Teutônia. A máquina passou a ser utilizada nas aulas do curso técnico em agropecuária da instituição.

Para Siegmundo Schlabitz, presidente da Fundação Agrícola Teutônia (FAT), mantenedora do colégio, além de contribuir significativamente para ganhos de produção, com menos perda de grãos, a colheitadeira é menos poluente, mais econômica, conta com tecnologia de ponta e possui menor custo de manutenção. A parceria da Massey Ferguson com a FAT não é nova. A marca já havia renovado o parque de máquinas do Colégio Teutônia com três tratores (MF 283, MF 255 e MF 5275).

Mão de obra familiar tem preço

Cálculo do custo

O exemplo a seguir ajuda a calcular os custos com a mão de obra de uma propriedade. O proprietário se dedica integralmente à tarefa; o filho estuda e ajuda durante meio período; e a esposa faz a distribuição do volumoso durante duas horas diárias.

Se trabalhasse como operador de máquinas em outra fazenda, o proprietário receberia **R$ 1.100,00**;

O filho poderia receber meio salário mínimo em uma loja da cidade **R$ 270,00**, (supondo um mínimo de R$ 540,00);

Se a esposa dedicasse duas horas em trabalho para terceiros poderia receber um quarto do salário mínimo, ou seja, **R$ 135,00**;

Assim, o custo de oportunidade da mão de obra familiar nessa fazenda foi de

R$ 1.505,00 no mês

(R$ 1.100,00 + R$ 270,00 + R$ 135,00). Esse é o valor que a família poderia ter recebido se trabalhasse em outra atividade.

Cálculo do custo de produção deve incluir valor da remuneração de todos os envolvidos pelo trabalho

Em muitas propriedades, os serviços são executados pelo produtor e por membros de sua família e é comum que esse trabalho não seja precificado na apuração dos custos da produção. "Do ponto de vista dos produtores, não houve desembolso para pagar salários, já que não foi contratado nenhum funcionário, mas isso é um equívoco", avalia João Cesar de Resende, economista rural, doutor em produção animal, que trabalha na Embrapa Gado de Leite.

Segundo ele, computar esses dados é essencial para o proprietário analisar a viabilidade econômica do seu negócio, pois esses valores muitas vezes são definidos como "despesas escondidas". "Afinal, o produtor precisa saber se vale a pena ou não produzir da forma como ele está trabalhando", define.

Resende dá as orientações do que considerar na hora de colocar preço para a mão de obra familiar:

Em primeiro lugar, é necessário estimar o tempo que o proprietário e seus familiares dedicaram à produção de leite no período analisado.

Em seguida, determinar um salário a ser considerado por mês ou por dia de dedicação. O valor pode ser aquele que o proprietário ou seus familiares poderiam receber se trocassem de atividade ou se prestassem serviços para terceiros, tanto em outra fazenda como em uma atividade na cidade.

O terceiro passo é multiplicar o tempo trabalhado pelo salário que poderiam receber se trabalhassem fora da fazenda, que é o chamado "custo de oportunidade" da mão de obra familiar. Segundo Resende, conhecer esse valor evita "dar murro em ponta de faca". Ou seja, permite saber quando a diferença entre todas as receitas e todas as despesas da fazenda não é suficiente para pagar adequadamente o tempo que o proprietário e seus familiares se dedicam à produção.

Nessa avaliação, é importante que as receitas incluam outros itens que não são oriundos diretamente da venda de leite, de animais ou de outros subprodutos do leite. É o caso, por exemplo, de verduras, milho e outras pequenas produções, que podem também ser chamadas de "receitas escondidas" ou "receitas implícitas". Um item que não pode ser esquecido é ainda a valorização devida aos nascimentos de novilhas, que aumentam o rebanho.

Além da mão de obra familiar, existem dois outros importantes custos implícitos que devem ser considerados: depreciação e oportunidade do capital, que serão detalhados no próximo mês.

Este texto é o primeiro de uma série de quatro artigos que consolida um roteiro prático e simples para fazer a análise econômica da atividade.

Dos palcos para a cozinha

Ator global mostra que na arte de cozinhar, assim como na de interpretar, é preciso amor e dedicação para conquistar o público

A paixão do paulista Marcello Airoldi pelo palco se revelou cedo: com 15 anos, o então *office boy* já sonhava em construir uma carreira no universo das artes. Mas teve de esperar ainda um ano até ser promovido a escriturário para juntar dinheiro suficiente e cursar uma escola de artes cênicas. A empreitada valeu a pena: aos 19 anos, ele já dava aulas de teatro em Barueri, sua cidade natal.

Os anos seguintes viriam a confirmar sua vocação. Formado pela Escola de Arte Dramática da Universidade de São Paulo (USP), e em teatro físico, mímica e interpretação pelo Birkbeck College, em Londres, Inglaterra, o ator, de 40 anos, acumula importantes trabalhos no teatro, cinema e na TV.

O sucesso estrondoso, no entanto, veio com o convite do autor Manoel Carlos para dar vida a Gustavo, na novela *Viver a Vida, da* TV Globo. Casado e com uma paixão secreta pela prima de sua esposa, o personagem cafajeste ainda vivia jogando charme para a empregada. O papel lhe rendeu o Prêmio de Melhor Ator Coadjuvante de Televisão em 2010, concedido pela revista *Quem*.

Divulgação

Airoldi foi destaque na novela *Viver a Vida*

Vocação

No teatro, Airoldi fundou o núcleo de pesquisas Teatro de Perto, em que dirige e atua no monólogo *Café com Torradas*, com texto de Gero Camilo, e é autor e, também, atua na peça *Um Segundo e Meio*, sob direção de Antonio Januzelli. Ambos os espetáculos foram contemplados com o Prêmio Funarte Myriam Muniz de Circulação de Espetáculos

O ator, além disso, pode ser visto na minissérie *Divã*, da TV Globo, ao lado da atriz Lilia Cabral. É também um dos protagonistas do longa-metragem, ainda inédito, *Onde está a felicidade?*, de Carlos Alberto Ricelli e Bruna Lombardi.

Se na novela *Viver a Vida* era a empregada quem motivava Gustavo a enveredar pelo universo da cozinha, na vida real o que leva o ator até essa peça da casa é outra vocação. Bom de garfo, Marcello garante que desempenha a função de mestre-cuca com a mesma paixão e dedicação com que interpreta seus personagens na ficção. Entre as especialidades preparadas para os amigos está o *Macarrão a la Airoldi*, receita que ele separou para os leitores da revista *Produtor LBR*.

Macarrão a la Airoldi

Ingredientes

250g de massa curta (penne ou fusilli) cozida *al dente*

250 g de mussarela ralada grossa

3 xícaras de linguiça calabresinha cortada em rodelas finas

1 lata de molho de tomate

1 tomate em rodelas finas

Orégano a gosto

1 colher de sopa de azeite de oliva

10 folhas de manjericão fresco

Modo de preparo

Frite a linguiça em uma panela com o azeite de oliva. Em um refratário redondo, untado, acomode a massa cozida e cubra com o molho de tomate, a linguiça frita, o queijo mussarela, as rodelas de tomate e as folhas de manjericão. Por último, polvilhe o orégano. Leve ao forno pré-aquecido, em temperatura média, pelo tempo suficiente para derreter o queijo. Dica: se preferir use a linguiça crua, apenas misturada ao molho de tomate.

6/7 a 8/7

Interleite terá formato inovador

Entre 6 e 8 de julho, Uberlândia (MG) recebe o 11º Simpósio Internacional sobre Produção Competitiva de Leite - Interleite. A novidade é que o evento será um fórum de produtores líderes, que apresentarão suas propriedades e discutirão temas como sistemas de produção, gestão, expansão e investimentos, produtividade, recursos humanos e inovação e empreendedorismo. Também integram a programação debates com a participação de palestrantes. Inscrições através do site: www.interleite.com.br.

11º Simpósio Internacional sobre Produção Competitiva de Leite
Center Convention - Uberlândia (MG)

12/7 a 14/7

Fórum reúne brasileiros e chineses

Entre 12 e 14 de julho, em Juiz de Fora (MG), acontece o Fórum das Américas: Leite e Derivados. Iniciativa da Embrapa Gado de Leite em parceria com o Pólo de Excelência do Leite, em 2011 ele será composto pelos *workshops Sino Brazillian Dairying* – que reunirá, pela primeira vez, representantes da cadeia produtiva da China e do Brasil – e de *Qualidade do Leite*. Além de palestras, o evento terá uma rodada de negócios. Mais informações consulte o site: www.cnpgl.embrapa.br/forumdasamericas

Fórum das Américas: Leite e Derivados
Expominas - Juiz de Fora (MG)

5/8

Workshop sobre controle do carrapato

O Instituto de Zootecnia de São Paulo promove, no dia 5 de agosto, um *workshop* sobre *Controle do Carrapato-do-boi*. O propósito é informar sobre as pesquisas e a situação atual da resistência dos parasitas aos carrapaticidas. Também serão abordadas formas de controle e o combate estratégico. Os palestrantes são pesquisadores de Institutos de Pesquisa da Agência Paulista de Tecnologia do Agronegócio e da Embrapa. Inscrições até o dia 22 de julho têm desconto. Informações no site: www.infobibos.com/carrapato

I Workshop Controle do Carrapato-do-boi
Instituto de Zootecnia - Nova Odessa (SP)

Aprendizado em Dias de Campo

A LBR mantém um calendário mensal com as informações a respeito da realização dos Dias de Campo, em todas as regiões de atuação de seus fornecedores. Confira na tabela abaixo a programação de julho.

Dia	Região	Unidade	Supervisor	Município	Local	Propriedade	Produtor
06	Sul	Gaurama	Marcondes Donati	Marcelino Ramos	Santa Bárbara		Dirceu Rezari
07	Sudeste	Governador Valadares	José Ademir	Teófilo Otoni	Posto Policial, BR	Fazenda Guanabara	Cláudio
08	Sudeste	Muriaé	Francisco	Santana do Munhaçu	Boa Vista	Fazenda Boa Vista	Sidnei Hubner
09	Norte	C. Araguaia	João Batista	Canaã dos Carajás		Fazenda Cariri	Leonardo de Almeida
12	Sul	Bom Jesus	Jonas Bizello	Ipuaçu	Ipuaçu	Franceski	Clademir Franceski
13	Centro-Sul	Votuporanga	Esio, João, Laerte	Parisi	Propriedade	Fazenda San Remo	José Amador Hernandes
14	Centro-Sul	Presidente Prudente	João, Mauro	Mirante Paranapanema	Gleba Novo Horizonte	Estância Geovana	Flaviano da Silva
15	Centro-Oeste	São Luiz M. Belos	Murilo	Pontalina	Pontalina	Fazenda São Lourenço	Euzebio Angelo de Souza
21	Sul	Giruá	Luiz Carlos e Gilberto	Giruá	Parque de Exposições		
22	Nordeste	Jacaré dos Homens	Agnovaldo	Inhapí	Sítio Aguadinha	Fazenha Aguadinha	Antônio Carlos Lacerda Lima
22	Norte	C. Araguaia	Adilson Cordeiro	Eldorado dos Carajás	Curral 9		Welington Alexandrino Ribeiro
22	Sudeste	Muriaé	Angelo Dutra	B. do M. Alto	Vila Vardiero	Fazenda Reduto	José Paulo Vardiero
24	Sudeste	Alegre	Francisco			Fazenda São Francisco	José Carlos Filho
29	Sul	União da Vitória	José Alencar	União da Vitória	Propriedade	Propriedade do Sr. Pedro Ivo	Pedro Ivo
30	Centro-Sul	Campo Grande	Luis Arthur	Nova Alvorada do Sul	Propriedade	Fazenda Poção	Milton Barbosa Bueno

CRIAR VALOR, CONSTRUIR CONFIANÇA

Agora é hora de ENTREGAR OS RESULTADOS!

OS MELHORES RESULTADOS NO MUNDO INTEIRO

Baxter Model Rubis (MB - 2 ANOS) - **Vaca de Maior Potencial Genético no Canadá, a número 01 em LPI(filha de Baxter)!**

Gillete E. Smurf (MB-88) - **Recordista Vaca Vitalícia no Canadá 206.935 Kg de leite produzido (filha de Emperor) !**

Solos Formosa Mandel TE -**Recordista Brasileira em Produção Vitalícia 161.000 Kg de leite produzido (filha de Mandel) !**

EF & LS Preciosa Wildman - **Recordista Mineira de Produção de Leite (2 anos) 17.115,8 Kg de leite em 365d (Filha de Wildman)!**

PARA SE TER VACAS QUE PRODUZEM MUITO, DURANTE MUITO TEMPO USE A MELHOR GENÉTICA PARA VIDA PRODUTIVA!

11HO10675 Alta **Caliber**

Goldwyn x Shottle

PTAM	UDC	PL	SCE
1351	2,73	3,4	8

11HO10671 Alta **Candor**

Mac x OMan

PTAM	UDC	PL	SCE
1168	2,65	4,9	5

11HO10631 Alta **Detroit**

Goldwyn x Shottle

PTAM	UDC	PL	SCE
682	2,49	4,0	6

11HO09939 Alta **Rush**

Shottle x Jester CV

PTAM	UDC	PL	SCE
994	2,47	3,7	7

11HO10346 Alta **Jenkins**

Mac x Shottle

PTAM	UDC	PL	SCE
1019	2,29	3,5	6

11HO10469 Alta **Exacter**

Baxter x Shottle

PTAM	UDC	PL	SCE
1678	2,15	3,4	8

11HO09647 Alta **Iota**

O Man x Ito

PTAM	UDC	PL	SCE
898	2,06	3,1	6

11HO08477 Alta **Dorne**

Blitz x Rudolph

PTAM	UDC	PL	SCE
1261	1,84	4,4	9

11HO09703 Alta **Ross**

O Man x Boss

PTAM	UDC	PL	SCE
676	1,54	5,4	6

Alta

Faça já os seus Melhores Investimentos em Genética!

(34) 3318.7777 - (34) 3318.7701 - www.altagenetics.com.br

COTAÇÕES

JUNHO/2011

CONCENTRADOS PROTÉICOS R$/tonelada	Mínimo	Médio	Máximo
FARELO DE ALGODÃO 28 SP	390,00	445,00	640,00
FARELO DE ALGODÃO 38 SP	480,00	567,00	786,00
FARELO DE ALGODÃO 28 MG	410,00	446,00	504,00
FARELO DE ALGODÃO 38 MG	510,00	573,00	670,00
FARELO DE ALGODÃO 28 GO	435,00	445,00	480,00
FARELO DE ALGODÃO 38 GO	530,00	556,00	580,00
TORTA DE ALGODÃO MT	390,00	410,00	426,00
FARELO DE AMENDOIM SP	550,00	575,00	600,00
CAROÇO DE ALGODÃO BA	350,00	365,00	380,00
CAROÇO DE ALGODÃO MT	230,00	282,00	330,00
FARELO DE SOJA RS	605,00	607,00	610,00
FARELO DE SOJA SP	570,00	638,00	870,00
FARELO DE SOJA MG	570,00	609,00	650,00
FARELO DE SOJA MT	520,00	544,00	570,00
FARELO DE SOJA MS	550,00	570,00	616,00
FARELO DE SOJA GO	530,00	556,00	590,00
FARELO DE SOJA PR	570,00	580,00	590,00
CASCA DE SOJA MG	245,00	256,00	330,00
URÉIA PECUÁRIA	1.556,00	1.745,00	1.838,00

CONCENTRADOS ENERGÉTICOS R$/tonelada	Mínimo	Médio	Máximo
FARELO DE ARROZ SP	400,00	433,00	500,00
FARELO DE ARROZ MG	466,00	483,00	500,00
MILHO GRÃO SP	433,00	536,00	640,00
MILHO GRÃO GO	366,00	378,00	395,00
FARELO DE TRIGO SP	330,00	495,00	620,00
FARELO DE TRIGO RS	335,00	450,00	570,00
SORGO GRÃO SP	277,00	324,00	380,00
MELAÇO in natura	700,00	730,00	739,00
MELAÇO em pó	830,00	1.111,00	1.390,00
POLPA CÍTRICA PELETIZADA granel	280,00	380,00	500,00

CALCÁRIO AGRÍCOLA - R$/TONELADA	Mínimo	Médio	Máximo
DOLOMÍTICO - PARANÁ	20,00	20,75	21,50
DOLOMÍTICO - CENTRO OESTE	35,00	40,00	45,00
DOLOMÍTICO - SÃO PAULO	45,00	47,50	50,00
DOLOMÍTICO - MINAS GERAIS	30,00	41,00	53,00
CALCÍTICO - CENTRO OESTE	45,00	47,00	48,50
CALCÍTICO - MINAS GERAIS	35,00	40,00	43,50

* Preços sem frete (Fonte: Scot Consultoria - www.scotconsultoria.com.br)
**Polpa cítrica sem disponibilidade em março/11

FERTILIZANTES - R$/tonelada	Mínimo	Médio	Máximo
NITROGENADOS			
Sulfato de Amônio	650,00	782,00	900,00
Uréia	945,00	1.143,00	1.360,00
Nitrato de Amônio	770,00	895,00	1.100,00
POTÁSSICO			
Cloreto de Potássio pó	1.100,00	1.316,00	1.800,00
Cloreto de Potássio granulado	1.020,00	1.200,00	1.900,00
FOSFATADOS Solúveis			
Super Simples Gr.	600,00	706,00	980,00
Super Simples Pó	610,00	702,00	770,00
Super Triplo	1.079,00	1.235,00	1.472,00
Map granulado	1.260,00	1.418,00	1.678,00
Dap	1.260,00	1.365,00	1.450,00
FOSFATADOS Naturais			
Fosfato de Araxá (ensacado)	230,00	233,00	235,00
Fosfato de Araxá (granel)	180,00	182,00	185,50
FORMULADOS			
04-14-08	675,00	772,00	1.100,00
04-20-20	945,00	1.002,00	1.185,00
04-30-10	1.000,00	1.040,00	1.156,00
04-30-16	910,00	1.155,00	1.680,00
05-20-20	975,00	998,00	1.056,00
05-25-25	1.020,00	1.142,00	1.300,00
06-30-30 - eucalipto	1.246,00	1.252,00	1.258,00
08-20-20+Zn	860,00	1.045,00	1.250,00
08-28-16	1.000,00	1.151,00	1.270,00
08-28-16 + Zn	1.016,00	1.211,00	1.324,00
10-10-10	725,00	930,00	1.300,00
10-15-15	880,00	957,00	1.061,50
14-07-28	850,00	1.053,00	1.434,00
15-05-15 - eucalipto	790,00	815,00	940,00
15-20-20	1.100,00	1.118,00	1.155,00
20-05-05	800,00	866,00	930,00
20-00-15	790,00	897,00	1.011,00
20-00-10 - pastagem	740,00	880,00	1.050,00
20-00-20 - cobertura - grãos	760,00	940,00	1.148,00
20-00-30	900,00	1.006,00	1.245,00
20-05-20	800,00	1.025,00	1.400,00
25-00-25 - cobertura cana	890,00	1.057,00	1.270,00

DEFENSIVOS AGRÍCOLAS EM R$/EMBALAGEM	Mínimo	Médio	Máximo
AMINOL 806 - 20 litros	144,00	160,00	205,00
DMA 806 - 20 litros	150,00	165,00	195,00
GLIZ 480 CS - 1 litro	13,50	16,50	19,80
GLIZ 480 CS - 20 litro	107,00	155,00	192,00
ROUNDUP WG - 1kg	14,00	17,50	22,00
TORDON - 20 litros	640,00	825,00	1.050,00
TRUPER - 20 litros	1.615,00	1.626,00	1.980,00

A revolução em conforto animal

Cow Brush DeLaval
ª geração!

a solução – todos os dias

escova oscilante Cow Brush DeLaval que você conhece ficou ainda
or!
lhores ângulos de contato entre a escova e o animal usando dois
os de articulação independentes
canismo de segurança único: ainda mais segura para suas vacas
mprovado! Seu uso aumenta a produção de leite e reduz os
es de mastite clínica*
e: Cornell University (Schukken, Young - Ago/2009)

e suas vacas sentirem os benefícios da nova Cow Brush.

v.delaval.com.br

DeLaval

Em qualidade de leite, os especialistas

Linha de detergentes DeLaval

Sua solução – todos os dias

A boa higiene do equipamento de ordenha e do tanque de resfriamento é essencial para a obtenção de um leite de qualidade e para um negócio mais rentável.
Somente quem é líder no mercado de soluções para a produção de leite a mais de 130 anos pode desenvolver produtos especiais para a higiene dos seus equipamentos.
Entre em contato com a revenda DeLaval mais próxima de você e conheça nossa linha de detergentes.

DeLaval Ltda.
Fone: 19 3795-3878 E-mail: brasil.info@delaval.com

www.delaval.com.br

DeLaval